



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO LATO SENSU EM LETRAS-
LÍNGUA PORTUGUESA

EDSANA PEREIRA SANTOS

SI KA BADU KA TA BIRADU : Emigração em Cabo Verde a partir de
imagens poéticas das canções.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

EDSANA PEREIRA SANTOS

SI KA BADU KA TA BIRADU : Emigração em Cabo Verde a partir de
imagens poéticas das canções

**Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de letras-
língua portuguesa da Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-brasileira como requisito à obtenção de título
de Graduada em letras- língua portuguesa.**

Orientadora: Prof^a Dr^a Ludmylla Mendes Lima

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S234s

Santos, Edsana Pereira.

Si Ka Badu Ka Ta Biradu : emigração em Cabo Verde a partir de imagens poéticas das canções / Edsana Pereira Santos. - 2018.

58 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ludmylla Mendes Lima.

1. Cabo Verde - Canções e música. 2. Emigração e imigração na literatura - Cabo Verde.
3. Poesia cabo-verdiana. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 896

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

EDSANA PEREIRA SANTOS

SI KA BADU KA TA BIRADU : Emigração em Cabo Verde a partir de
imagens poéticas das canções

**Trabalho de conclusão de curso julgada e aprovada para obtenção do título de graduada
em Letras- Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro- Brasileira.**

Data: 09/08/2018

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^a. Ludmylla Mendes Lima (Orientadora)

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira

Prof^ª. Dr^a. Miriam Sumica Carneiro

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos, primeiramente à minha família, minha mãe, meu marido e minha filha, que hoje são meus maiores incentivadores, mas especialmente à minha mãe que mesmo de longe fez muito para que meu trabalho ocorresse da melhor forma possível.

Agradecer, também, à minha querida e admirada orientadora, Prof^ª Dra^a Ludmylla pelo sábio trabalho que elaborou comigo, e por ser uma das minhas maiores incentivadoras, tanto para orientação como para cada palavra de apoio e conforto que me deu, e por muitas vezes ter acreditado mais no meu trabalho do que eu mesma.

A todos os meus amigos que trilharam esse caminho ao meu lado, sempre me apoiando e auxiliando, mas principalmente me amparando nas horas das dúvidas e aflições.

Por último, mas não menos importante, agradecer à divindade e ao arquiteto celestial pela caminhada vitoriosa. A todos vocês, meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

Neste trabalho pretende-se retratar de que forma as músicas em Cabo Verde abordam a questão da emigração do povo das ilhas, a partir da análise e da interpretação de poesias, na sua grande maioria, cantadas, em que este tema se faz presente. Com isso, pretende-se entender por quais motivos o êxodo das ilhas de Cabo Verde é uma realidade sempre atual e presente na vida desse povo, afinal, não existe uma única família cabo-verdiana que não tenha, pelo menos, um parente emigrante. Os vieses socioeconômico, familiar e patriótico serão as três linhas de pesquisa sobre as quais vai se dirigir o trabalho, com o objetivo de ver até que ponto a emigração reflete diretamente no desenvolvimento ou atraso social em Cabo Verde, a situação de separação familiar, seja de pais e filhos, avós e netos ou de cônjuges, e, por fim, falar sobre a imensa vontade que todo e qualquer cabo-verdiano tem de voltar a sua terrinha. Por isso, torna-se importante entender o que leva o cabo-verdiano abandonar o seu país, pelo qual alimenta tanto amor e carinho, unindo-o a um assunto pertinente à forma literária de maior expressão cabo-verdiana, a canção. Esta é nada mais do que a poesia cantada, com ritmo e melodia, como na antiguidade eram coisas bem ligadas, vai-se restabelecer essa ligação, antiga, porém sempre atual, através das poesias cantadas que analisaremos a seguir. A pesquisa deu-se à base de recolha e estudo de bibliografias e baseou-se em recolha de músicas onde esse tema se fez presente. Em relação ao patriotismo limitamo-nos a usar as canções como base. Com este trabalho pretendo estabelecer elos entre a emigração e a poesia, e como ela modificou o cenário literário de Cabo Verde através dessas poesias, e pode servir para que trabalhos vindouros com a mesma temática se apóiam nesta como forma de complemento, sem falar que ajudará, com certeza, na compreensão desse tema para a sociedade cabo-verdiana.

Palavras-chave: Cabo Verde - Canções e música. Emigração e imigração na literatura - Cabo Verde. Poesia cabo-verdiana.

ABSTRACT

This paper intends to portray how the songs in Cape Verde address the issue of the emigration of the people from the islands, starting with the analysis and interpretation of poems, mostly sung, in which this theme appears. In this way, we try to understand for what reasons the exodus of Cape Verde's islands is a reality always present in the life of their people, after all, there is not only one Cape Verdean family that does not have at least one emigrant relative. The socioeconomic, family and patriotic biases will be the three lines of research on which the work will be directed, in order to see to what extent emigration directly reflects the development or social backwardness in Cape Verde, the situation of family separation, whether of parents and children, grandparents and grandchildren or spouses, and, finally, we are going to remark the immense wish that every Cape Verdean has to return to his land. Therefore, it is important to understand what leads the Cape Verdean to leave his country, by which he feeds both love and affection, joining him to a subject pertinent to Cape Verde's most literary expression, the song. This is nothing more than poetry sung, with rhythm and melody, as in antiquity were things well connected, we will reestablish this connection, old but always current, through the sung poems that we will analyze next. The research was based on the collection and study of bibliographies and was based on the collection of songs in which this theme was present. In relation to patriotism, I only used the songs as a basis. This work intends to establish links between emigration and poetry sung, and how the latter modified the literary scenery of Cape Verde.

Keywords: Cape Verde - Songs and music. Cape Verdean poetry. Emigration and immigration in literature - Cape Verde.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Justificativa.....	11
Capítulo I- O Viés socioeconômico da emigração em verso e prosa.....	14
Relação entre o gênero lírico e a canção.....	14
Tunuka- “Orlando Pantera”.....	19
Altu Kutelu-Renato Cardoso.....	26
Li ke nha txom-Renato Cardoso.....	29
Capítulo II- Saudades da família/companheiro explicitada em versos.....	32
Manú Nancy Vieira.....	33
Morna di dispidida- Eugênio Tavares.....	36
Partida- Cesária Évora.....	40
Capítulo III- Temas nacionalistas.....	43
Ah se n sabeba- Beto Dias.....	43
Press d’um fidji- Paulino Vieira.....	46
Ora di bem- C. A. Martins (Katchas).....	52
Considerações finais.....	53

Introdução

Por muito tempo Cabo Verde viveu isolado no meio do oceano Atlântico, na encruzilhada entre os quatro maiores continentes. De repente, abriu suas portas ao mundo exterior, a ponto de seu povo evasionar para o resto do mundo desfrutando das farturas proporcionadas, que em Cabo Verde eram-lhes privadas.

Pequeno país insular, situado na costa ocidental africana, composto por dez ilhas, sendo uma delas desabitada. Assim como vários outros países dessa região da África, foi ocupada pelos portugueses, por volta de 1500, e desde então passou a contar como ponto de parada obrigatória para os navios, tanto para abastecer como para recrutar mão de obra africana mais barata, muitas vezes eram levados à força em semelhança aos outros africanos oriundos dos outros países.

Desde seus primeiros dias enquanto território habitado, Cabo Verde via seu povo deixar esse pedacinho de chão, em busca de dias melhores para si e suas respectivas famílias. A primeira leva, do que pode ser chamado de emigrantes, aconteceu por volta de 1770, começando pela ilha da Brava, com a chegada de navios baleeiros oriundos dos Estados Unidos da América. Desde então o êxodo nunca mais se interrompeu, sendo que por um longo tempo na história houve mais cabo verdianos vivendo fora de Cabo Verde do que no próprio país, ocasionado pelos longos períodos de seca e estiagem nas ilhas, escassez de comida, roupa, e medicamentos, a emigração se abria nos horizontes como uma forma de salvação, visto que um único membro emigrante “salvaria” toda a sua família (Fonte: INECV, 2014). Mais tarde, a leva dos moradores da ilha do Fogo deram sequência à ida aos Estados Unidos, tanto que hoje estima-se que existam mais de 260.000 cabo verdianos, entre os nascidos em Cabo Verde e sua descendência nesse país norte americano (Fonte: INECV, 2014).

Em semelhança aos Estados Unidos da América, a onda migratória para a Europa também foi forte, mas aconteceu mais tarde, e em menor escala, apesar de hoje existirem mais cabo verdianos na Europa, considerando todos os países, do que em Cabo Verde, ou na América.

Portugal é um dos mais antigos destino da diáspora, e o segundo em importância, com mais de 140.000 pessoas. O Senegal (sobretudo Dakar) alberga para cima de 20.000. A Holanda, em especial a partir de São Vicente, em conexão uma vez mais com a passagem de navios mercantes, foi um forte destino de emigração em meados do séc. XX; ali residem à volta de 40.000 cabo-verdianos. Na França existe uma comunidade significativa, em roda dos 20.000 imigrantes. No Brasil a comunidade cabo-verdiana é de cerca de 20.000 pessoas, muitas delas estudantes universitários. Angola acolhe atualmente à volta de 40.000. A Itália é um dos mais recentes destinos de emigração, com cerca de 10.000 pessoas.

A diáspora cabo-verdiana, que inclui ainda muitos outros países, como o Luxemburgo, a Suíça ou a Espanha, com contingentes mais reduzidos, é um tema de grande acuidade, por bons e maus motivos, que englobam desde vertentes positivas, como a presença de quadros de grande valor e prestígio em diversos setores da sociedade civil de acolhimento, desde o empresariado à política, ao saber e ao exercício de profissões liberais, ou a contribuição financeira para o progresso do país, quer através de investimento direto quer de remessas financeiras (INECV, 2014).

Assim sendo, bem como avanços e desenvolvimento financeiro de Cabo Verde, a emigração foi responsável pela construção cultural e elaboração de uma cabo verdianidade através de seus manifestos culturais.

Por muito tempo se discutiu o que seria essa cabo verdianidade, ou como se dava a tal característica inerente ao cabo verdiano. A cabo verdianidade, então, seria todas as características que um cabo verdiano “genoíno” tinha que ter, como forte ligação com a sua terra natal, amor pelas músicas e qualquer outra manifestação cultural, e assim assumir seu amor por Cabo Verde e tudo mais o que ele engloba.

Germano Almeida¹ diz que o poeta caboverdiano tinha que expressar a sua caboverdianidade nas suas linhas, nos seus versos, através de suas palavras dar voz a esse povo.

Uma das formas mais genuínas em que essa expressão se faz presente são nas canções sobre Cabo Verde, por isso, resolvemos dar voz às canções que falam sobre a emigração, pois como vimos nos parágrafos anteriores a emigração é um dos fatos sociais mais relevantes para o caboverdiano, então pensamos em unir em um só corpo a expressão cultural mais genuína com o fato social mais relevante, ambas importantíssimas para a formação social, histórica e cultural do povo das ilhas e, assim, por meio da literatura, da palavra cantada, construímos essas características.

Demos enfoque principalmente em construir este trabalho a partir de levantamento bibliográfico em duas vertentes: autores que falavam sobre a poética cancional, e autores que fazem-nos enquadrar essa teoria à realidade cabo verdiana, através da análise das canções que veremos mais adiante, no decorrer do desenvolvimento do trabalho.

É importante salientar que temos canções de duas épocas históricas distintas, mas ambas importantes, para melhor compreendermos as análises. A primeira época remonta aos finais do século XVIII até meados do século XX, são as canções que compõem o primeiro e o segundo capítulo, aquelas que vão nos botar a par do cotidiano do povo das ilhas nesse tempo mais longínquo de nossa realidade atual, trazendo aspectos importantes que motivaram a saída dos cabo verdianos das ilhas, como a seca, a fome e a escassez de tudo na terra de Chiquinho². A segunda parte vem nos trazer um Cabo Verde mais atual, final do século XX e começo do século atual, mas igualmente carente e igualmente pobre em oportunidades e recursos. Como compensação, essas canções nos trazem mensagens lindas desse amor pela pátria mãe, esse amor que apesar das distâncias e das intempéries do destino continuam firme e forte.

Um dos pontos do trabalho mais convidativos, e que requer um olhar mais sensível, é precisamente o segundo capítulo onde é trazido um assunto pertinente que é a desestruturação familiar, a fragmentação da sociedade e de seus pilares familiares, visto que inúmeras famílias

¹ Germano, nasceu na ilha da Boa vista, em 1945. Advogado, escritor, poeta e romancista, exerce a função de advogado desde que voltou de Lisboa, em 1979. Ficou muito conhecido no mundo literário quando apresentou sua obra “O testamento do senhor Nepomuceno Da Silva Araújo”, trazendo nova roupagem à literatura cabo verdiana.

² Chiquinho é considerado por vários críticos a primeira obra genuinamente cabo-verdiana, porquanto traça fielmente a vida no arquipélago na primeira metade do século XX: a ligação à terra e o significado do convívio no seio da família; a descoberta do mundo através das letras; a necessidade de contacto com as ilhas, neste caso, São Vicente, para frequentar o liceu; a emigração como saída para uma vida melhor. Elementos, aguçados pela condição insular, que interferiram de forma decisiva na formatação da identidade do povo das ilhas.

perderam entes queridos, arrastados pela correnteza da emigração. Essas canções cantaram e cantam as dores de inúmeros, pais, filhos, mães, etc.

Apesar de Cabo Verde ser conhecido mundo afora pelas suas belíssimas canções e composições, ainda são poucos os registros de trabalhos que tenham trazido um tema tão importante e, ao mesmo tempo, tão atual como é a emigração como tema das canções cabo verdianas, e, a partir dessas canções, traçar aspectos e características que dão sentido à vida desse povo.

Justificativa

Este trabalho foi pensado com o intuito de aproximar três realidades que, vistas de cima, parecem distantes umas das outras, mas que são bem íntimas e muito bem ligadas: a canção, a poesia e a emigração em Cabo Verde.

Podemos até refletir sobre o que a emigração tem a ver com a canção ou a poesia, ou ainda, o que a canção tem a ver com a poesia, e o que esta teve a ver com aquela. Como vimos anteriormente a canção e a poesia já foram intimamente ligadas. Com o passar do tempo cada uma foi tomando suas projeções, seu lugar de atuação, suas medidas, cada uma foi andando com suas próprias pernas e, assim, por muito tempo ficaram separadas uma da outra.

O que propomos neste trabalho é que se restabeleça essa ligação entre canção e poesia como sendo partes de uma única linha literária. O que a emigração tem a ver com tudo isso? A emigração é um dos fatos sociais que mais influenciam e modificam a vida de um cabo verdiano, junto com ela a canção também ganha um papel de destaque na sociedade e, conseqüentemente, na formação cultural dos povos das ilhas. A poesia escrita se mostra com pouca expressão cultural no cotidiano desses povos, por isso, pretendemos, aqui neste trabalho, traçar pontos onde a canção e a poesia se encontram para expressar esse fato social importante, que é a emigração, através das imagens poéticas construídas nessas canções.

Não se tem memória de algum outro trabalho em Cabo Verde que tenha retratado esse aspecto poético das canções que abordam esta temática em Cabo Verde. Sabemos que o cenário musical das ilhas é rico, sendo esta, talvez, a maior manifestação cultural desse povo, mas assim como em outras partes do mundo, houve tempos em que a poesia ocupava esse cenário, e em semelhança a esses outros lugares, a poesia foi perdendo lugar de destaque dando espaço para o crescimento musical. A canção é um dos produtos que mais “vende” em Cabo Verde, ela é responsável pela movimentação turística durante uma boa parte do ano, em seu entorno sempre acontecem festivais, exposições, e concertos musicais, onde são

convidados artistas do mundo todo para fazerem parte destas grandes festas, como a AME (*Atlantic Music exposition*), que acontece anualmente, sempre no mês de Março, e se arrasta por mais de uma semana, com apresentações de artistas, compositores, cantores e intérpretes do mundo todo, e, obviamente, dos donos da casa, acontece também, anualmente, o *Kriol Jazz Festival*, que como sugere o nome, é um festival de jazz, onde artistas do mundo todo tem vez e voz, durante uma semana de agitação e festa pela cidade da praia, a capital de Cabo Verde, sem falar nos variados festivais locais que acontecem durante o ano todo. Um dos mais famosos é o *Festival de Verão*, em que o objetivo maior é dar oportunidades e visibilidade a artistas nacionais, ou os que estão há menos tempo nessas andanças.

Para compreendermos melhor essa necessidade de adaptação da poesia para uma forma poética mais moderna, veremos a seguir o que João Cabral de Melo Neto pensa sobre o assunto, que ele discorreu no seu ensaio intitulado “Da função moderna da poesia”, presente no livro “Obra completa” do mesmo.

A necessidade de exprimir objetiva ou subjetivamente a vida moderna levou a um certo tipo especializado de aprofundamento formal da poesia, à descoberta de novos processos, à renovação de processos antigos. Afirmá-lo não significa dizer que cada poeta de hoje é um poeta mais rico. Pelo contrário: esse aprofundamento deu-se por meio de uma como desintegração do conjunto da arte poética, em que cada autor, circunscrevendo-se há um setor determinado, levou a consequência. A arte poética tornou-se, em abstrato, mas rica, mas nenhum poeta até agora se revelou capaz de usá-la, em concreto, na sua totalidade (NETO, 2003, p. 767).

Sendo assim, compreendemos que os poetas cabo-verdianos, com o passar do tempo, tenham se adaptado a essas novas formas de apresentação de poesias, até porque, a leitura em si, dava-se muito quando a população das ilhas ainda faziam uso do jornal impresso como forma de seu enriquecimento cultural, visto que eram publicados poemas, cartilhas, contos, etc. Então, com a perda do hábito de leitura, advento de novas tecnologias, como o rádio e a televisão, novas formas de fazer propagar esses poemas se fez necessário. Para isso e com isso, os poetas também tiveram que se reinventar.

Vejamos:

Esse enriquecimento técnico da poesia moderna manifestou-se principalmente nos seguintes aspectos: a- na estrutura do verso (novas formas rítmicas, ritmo sintático, novas formas de corte e *enjambement*); b- Na estrutura da imagem (choque de palavras, aproximação de realidades estranhas, associação e imagística do subconsciente); c- Na estrutura da palavra (exploração dos valores musicais, visuais e, em geral, sensoriais das palavras: fusão ou desintegração de palavras; restauração ou invenção de palavras, de onomatopeias); d- na notação da frase (realce material

de palavras, invenções violentas, subversão do sistema de pontuação), e e- na disposição tipográfica (caligrama, uso de espaços brancos, variações de corpos e famílias de caracteres, disposição sistemática dos apoios fonéticos ou semânticos) (NETO, 2003, p. 767-768).

Levando em consideração esses novos aspectos da poesia moderna, podemos dizer que, essas mudanças na forma como vão ser propagadas também são uma mais valia para que não se perca na totalidade a prática da poesia. Que seja, cantada, tocada, declamada, recitada, ou lida, mas nunca abandonada.

Abordamos a temática da emigração, pois sempre reparei que as canções abordando esse tema em Cabo Verde possuem vários vieses. Podemos achar canções que falam das consequências socioeconômicas da imigração, acharemos canções ressaltando o valor e o amor à família, assim como canções patriotas, que vêem Cabo Verde como sendo um paraíso, mas mesmo assim tiveram que abandoná-lo em razão de alguns outros fatores.

Vamos tomar como ponto de partida para o esse trabalho uma análise das imagens poéticas contidas nesses poemas que ganharam musicalidade e que falam da temática emigração, mas, ao mesmo tempo, nos traduz o sentimento desse povo e nos deixa a par do cenário literário e musical de Cabo Verde.

A morna³, expressão musical de maior relevância em Cabo Verde explica-nos muito bem o cenário político e social pelo qual passava Cabo Verde na época de maior fluidez migratória. Foi a primeira expressão musical e, talvez até hoje, a mais importante, tendo sido responsável por eternizar composições como as de Eugénio Tavares, João de Deus, Osvaldo Andrade, interpretadas pela banda “Os Tubarões”, a qual daremos especial atenção no desenrolar do trabalho, escritores como Manuel Ferreira, Ovídio Martins, Manoel Lopes, Baltasar Lopes, poetas como Renato Cardoso e Carlos Alberto Martins, entre outros, cujas obras analisaremos ao longo deste trabalho. Nesse sentido, será de grande ajuda a tese de Genivaldo Rodrigues Sobrinho, que conseguiu resgatar muito bem o cenário político e econômico pelo qual passava Cabo Verde, situações estas que influenciaram diretamente nas composições de Eugénio Tavares, tema central da tese dele.

Traremos temas de outros gêneros musicais mais modernos, não apenas a morna, e que também compõem o cenário literário cabo verdiano.

³ Gênero musical mais antigo e de maior expressão em Cabo Verde. Conhecida como morna, pois, é um ritmo suave e delicado, por vezes nostálgico e melancólico.

Capítulo I- O Viés socioeconômico da emigração em verso e prosa

Relação entre o gênero lírico e a canção

O gênero lírico faz parte das três grandes linhas de gêneros literários, ao lado do dramático e do épico. O termo lírico, surgiu do latim devido ao acompanhamento dado a essas poesias, que era pela flauta ou pela lira. Sendo assim, segundo Salete de Almeida Cara, “cabem na lírica todos os poemas não muito longos, sem personagens claramente delineados, onde o ritmo e a melodia servem para expressar o estado da alma de um eu” (CARA, 1986, pág, 12).

Se por um lado o gênero épico cantava e narrava os feitos coletivos, a unidade da pólis, os feitos históricos e heróicos de um determinado povo, outro gênero se destacava, precisamente, por destacar o contrário: os sentimentos pessoais e mais profundos do indivíduo. Eram cantados vários tipos de canções, como as de ninar, os lamentos pela morte de alguém ou cantigas de amor.

Desde sua origem esse gênero foi marcado por retratar, principalmente, os sentimentos do indivíduo em relação a ele mesmo ou em relação ao todo. Outra característica fundamental que distancia o gênero lírico dos demais é a musicalidade, ou seja, a poesia era embalada por ritmos, sons, melodia, e ainda assim não perdeu totalmente as feições de uma poesia escrita pois, ainda apresentava características da poesia tradicional como, por exemplo, repetições, apresentações de rimas, assim como das imagens que dão som e sentido poético às palavras.

Sérgio Bugalho, explica-nos essa relação entre os principais componentes da canção.

O ritmo “consiste numa graduação de sons e de faltas de som, como o mundo da graduação do ser e do não ser. Quer isto dizer que o ritmo consiste numa distribuição de palavras, que são sons, e de pausas que são faltas de som” (PESSOA, 1998: 273). Os sons variam quanto à sua acentuação (intensidade), quantidade silábica (a duração, especialmente das vogais), seu timbre (ou “qualidade”) e também, possivelmente quanto ao carácter ou sentido das palavras. As pausas, por sua vez, não possuem outro parâmetro que não a duração: “A pausa é mais longa ou mas breve; só isto” (*idem*). (BUGALHO, p.301, 2001).

Bugalho, então, faz uma explicação sucinta da relação que se dá entre os componentes da canção, que norteiam, assim, as diferenças entre poesia e canção, e, esse componente que distancia os dois gêneros literários é o som, ou a falta dele, ou seja, as pausas entre os sons, vocais ou instrumentais.

É notória a familiaridade entre o gênero lírico e a canção, mas, deve-se destacar que são dois gêneros diferentes apesar de estarem intrinsecamente ligados.

A poesia pode ser vista como a base para uma canção, mas nem sempre isso ocorre. Normalmente a canção tem composição própria, pois o sistema de rimas, o jogo de palavras, e sons, são os principais componentes da canção, componentes estes que fazem-na diferenciar-se da poesia. A canção, na verdade, está mais próxima da prosa do que da poesia.

Vejamos o que Bugalho pensa a respeito:

Vimos Pessoa dizer que a palavra é “sentido” e “ritmo”. Ritmo é, portanto, inalienável, mas “na prosa, que é a linguagem falada escrita”, a começar pela sobredeterminação das pausas pelo sentido, o ritmo, é um elemento subordinado. Nesse contexto, “a palavra é essencialmente, a expressão do sentimento ou idéia”. Ora, nessa prosa, que elemento está alijado de sua força expressiva? A voz (BUGALHO, 2001, p.301).

A prosa, segundo Bugalho, então, seria, entre várias outras coisas, a palavra acompanhada por ritmo, sons, e se difere pelo fato de ter um elemento imprescindível: a voz. A prosa não se dá com a ausência da expressão vocálica, por sua vez, a poesia independe da expressão vocálica ou ritmos e sons, ela pode ser simplesmente lida, então não depende, necessariamente, da voz, de ritmos, e de sons para existir, tem outras formas de realização que não seja a vocálica, ao contrário da prosa.

Desde os tempos mais remotos tem-se esse pensamento de que música e palavra surgiram ao mesmo tempo, ou que uma surgiu através da outra. As duas formas se integraram e formaram uma coisa só. Como já vimos anteriormente, a canção era muito ligada a poesia tanto que a lírica foi considerado um gênero literário mesmo ela sendo musical, pois como vimos era poesia só que acompanhada por lira ou flauta e isso requer, obviamente, que haja uma melodia ou som. Contudo, com o passar dos anos esses dois gêneros começaram a se dar de forma separada, ponto de discriminar a canção de formas literárias. A canção não era vista com bons olhos pelos teóricos literários, pois, era uma forma de expressão popular, algo que não queriam, visto que a literatura era lugar de destaque para a elite.

Então: “Assim, podemos formular ainda de uma outra maneira, complementar, a separação entre poesia e música: a poesia, em seu vôo solo, tirou a voz do convívio com os instrumentos musicais” (BUGALHO, 2001, p.305). Isto é, a poesia decidiu se separar da canção, não mais emprestou seus versos aos instrumentos musicais, seguindo seu caminho sozinha, como tinha começado.

Mas, antes de avançarmos às análises, precisamos entender do que se trata a imagem poética, assunto sobre o qual recai boa parte de minhas análises. A imagem, como embelezador textual é um tema antigo e bastante discutido nas academias, e textos de base filosófico. É tão antigo, e de tal importância para o corpo de um texto, que Platão e

Aristóteles, em *Alegoria da caverna* e *Poética*, respetivamente. E, como sabemos a poesia lírica surgiu na antiguidade como forma de cantar os feitos do indivíduo e expressar seus mais íntimos desejos.

Assim Platão nos diz que a imagem surgiu de algo supra sensível, ou seja, veio do mundo inteligível, que é a perfeição do mundo sensível. Mas também, a imagem seria fruto da imaginação do homem, como se ele estivesse em estado de embriaguez, não alcoólica, necessariamente, mas uma embriaguez de sabedoria, de poesia, de amor, quem sabe, e esses sentimentos fazem-no ver e sentir muito além do que as palavras querem dizer de forma literal.

Já Aristóteles, inaugura o conceito de verossímil, que seria uma forma de submetemo-nos aos fatos universais e não particulares, através das teorizações do embelezamento. Ele fazia uso da metáfora, fazendo-o afirmar que “a metáfora concede uma nobreza à linguagem porque cria enigmas (a essência do enigma é de colocar juntos termos que seriam inconciliáveis)” (Poética de Aristóteles, cap.XXI).

Os motivos pelos quais a poesia usa muito esse conceito de imagem são as seguintes:

A poesia quer ser, ao contrário [da prosa], uma criação auto-suficiente, pluriforme na significação, constituindo em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-rationais, mas também deslocam em vibrações as zonas de mistério de conceitos (FRIEDRICH,1978,p.16).

A poesia em si já é muito complexa, e quando ela associa a si mesma características que fazem com que suas palavras ganhem “vida”, se torna mais complexa ainda. Mas, de nada valeria se a interpretação da poesia fosse literal, unilateral, objetivo. Seria só mais uma escrita qualquer, pois, estes fatos fazem a poesia uma ciência única, pois ela é tudo, pode ser qualquer coisa, menos exata.

Sendo assim:

No trabalho criador, o poeta (1) usa palavras na acepção corrente; (2) usa palavras dotadas de acepção diversa da corrente, mas que é aceita por um grupo; (3) usa palavras dotadas de uma acepção que ele cria, e que pode ou não tornar-se convencional. Em qualquer dos casos, está efetuando uma operação semântica peculiar- que é arranjar as palavras de maneira que o seu significado apresente ao auditor ou leitor, um super significado, próprio ao conjunto de poema, e que constitui o seu significado geral. (CÂNDIDO,2006,pág.103).

A poesia em si pode ser composta por ideias simples, palavras comuns e normais, sem ter, necessariamente, uma riqueza em recursos estilísticos, mas tem que ser capaz de dar ao leitor a vontade de ler mais, através das variadas interpretações que esta pode proporcionar, então o papel do poeta nesse espaço é de atribuir imagens e símbolos às palavras.

Então, a imagem poética seria a atribuição de ambiguidade, por assim, dizer, na significação da poesia. Ou seja, ela é responsável pela não literalidade, ou a pobreza de interpretação da poesia. Como disse Montale: “Ninguém escreveria versos se o problema da poesia consistisse em fazer-se compreensível”.

Antônio Cândido, ainda diz que:

Com base na possibilidade de estabelecer analogias, o poeta cria a sua linguagem, oscilando entre a afirmação direta e o símbolo hermético. Raramente o poema é feito apenas com um ou outro destes ingredientes polares e na sequência dos versos somos capazes de notar a gradação que os separa. Muitas vezes, o elemento simbólico não está na especificidade das palavras, ou na sequência de imagens, mas no efeito final do poema tomado em bloco. E em tudo observamos a capacidade peculiar de sentir e manipular palavras (CÂNDIDO, 2006, pág. 105).

As imagens seriam, então, a capacidade individual de cada poeta de “poetizar a sua poesia”, isto é, ser capaz de modificar, ou de enriquecer o sentido das palavras, através de jogo de sons, rimas, combinações de palavras, possibilitando assim, ao leitor ou ouvinte, “viajar” através destas palavras e descobrir sensações, lugares, gostos, cheiros e pessoas para além do que lhe é mostrado. Mas, ao mesmo tempo, o poeta não pode se perder muito a ponto de atribuir demasiadas interpretações e fazer com que se perca a mensagem central da poesia.

Viviana Bosi nos diz que a imagem é a responsável por tornar vivas as palavras num poema, e assim, através delas nos sentirmos parte do poema, permitindo que o leitor interaja com a criação através da sua imaginação, alcançando lugares, pessoas e experimentos que não precisam estar, necessariamente, explícitas nos versos. Ela expressou de forma íntima, no seu ensaio, reflexões entre a imagem poética e a poesia:

Um dos traços fortes da natureza da literatura consiste em promover a anamnese (a memória profunda) da cultura, revivendo no presente imagens individuais e coletivas, e procurando interrogar-se sobre o sentido do destino do homem. Pela poesia podemos viver momentos de iniciação, descobrindo e condensando idéias e sentimentos dispersos (BOSI, 2001, pág. 21)

Viviana afirma que a imagem é a responsável por animar o mundo, e Manuel Ferreira nos mostra exatamente isso, no trecho em que ele atribui características humanas a um ser inanimado, no caso, o mar.

Eh, gente, mar está conversar com vocês. Isto é fala do mar. Mar é assim modo gente. Mar conversa, mar chora, mar dança. Mar está dançando samba, heim! Samba da vida o amor é uma ilusão, lá, lá, rá, lá, lá (FERREIRA, 1970, p. 22)

Um dos grandes pensadores de teoria literária de nossos tempo, Baudelaire, diz que a imagem “seria a criação de uma percepção especial da realidade, em que o visível de certa forma se interioriza e o subjetivo se concretiza” (BAUDELAIRE, 1857, p. 35).

A imagem torna-se assim parte indispensável da poesia, responsável pelo embelezamento, pela subjetividade, pela metáfora. Em suma, ela seria a responsável pela beleza poética, visto que, atribui-lhe características peculiares que a fazem diferir-se das demais formas de expressão literária.

Passamos, a partir de agora a estabelecer esse elo canção-poesia, através das análises de algumas canções cabo verdianas, e a partir disso traçar imagens e compreender a mensagem por detrás de cada canção.

A pobreza, a fome, a estiagem, e a seca assolaram as ilhas por longos e doloridos anos, desde sua “descoberta”, até mesmo aos dias atuais, ainda que não na mesma intensidade, mas continuam sendo fatores determinantes na vida de um cabo verdiano.

Esses fatores, obviamente, já foram mais determinantes há anos atrás, lá nos meados dos anos de 1940, período pelo qual cabo verde passou 15 anos sem uma gota de água sequer e, mesmo, a família tendo um pedacinho de terreno de plantio ou gado não adiantava em nada, pois sem água nada fica vivo.

Nesse cenário de seca e aridez damos início às nossas análises, visto que parte das canções sobre a emigração explanam essa tristeza do cabo verdiano e sua *sina*⁴ e, as canções que melhor vão explicar essa obrigação do cabo verdiano em deixar sua terra em busca de dias melhores, são as que, precisamente, desenham esse cenário e época de maior fome nas ilhas.

⁴ Sina em crioulo caboverdiano significa destino.

Mas, para entendermos melhor esses fatores, vamos buscar nas imagens construídas nos versos das canções de forma a enriquecer essa ideia da obrigação do partir, da *sina* que o caboverdiano carrega consigo de ter que abandonar sua terra, suas coisas, sua família, para fugir às estatísticas de morte por fome. E quando não é consigo mesmo, ele tem que presenciar seu pai, sua mãe, seus filhos e amigos partirem *pa tera lonji*⁵.

Tunuka- “Orlando Pantera”⁶

Tunuka, tunuka Bala

Ki tem koraji e so tunuka di meu

Sukuru ka dal kudadu

Ka duel xintidu

Ki fari duel korason

Tunuka e nos ki bai

E nos ki bem

E nos ki fika li me

Nu uni korason

Nacionalidadadi dja nu tem dja

Nu mara nos kondon

Nos limaria nu dexa'l la

E nos ki imbarca pa San Tume

Injuriadu maradu pe

Tunuka

Tunuka, Tunuka Bala

Quem tem coragem só é minha Tunuka

O escura não lhe preocupa

Não lhe fere os sentidos

Muito menos doer-lhe o coração

Tunuka, somos nós que fomos

Nós que voltamos

E nós que ficamos aqui mesmo

Vamos unir os corações

Já temos nossa nacionalidade

Nos amarremos às nossas raízes

Nossos animais deixamos lá

Nós que embarcamos a São Tomé

Injuriados, de pés atados

⁵ Tera lonji, a grosso modo, significaria Terra longe, mas o caboverdiano usa esse termo para se referir, especificamente, a Estrangeiro.

⁶ Orlando Monteiro Barreto "Pantera" (1967 - 2001) foi um cantor cabo-verdiano, conhecido por ser o pioneiro de um novo estilo musical (uma versão acústica do tradicional batuku), que tem tido bastante sucesso com intérpretes como Maira Andrade, Lura, Tcheka, Princezito, entre outros.

Mi ku bo ki sta la me	Eu e tu estávamos lá
Tudu n dadu n dou tambe	Tudo que me dão te dou também
Na nos pom di kada dia	Nosso pão de cada dia
Oxi dretu, manhan mariadu	Hoje bem, amanhã nem tanto
ramediadu ka tem midjor	Conformados não há melhores
ki spera n dadu n dou tambe	Que espera receber para dar também
Tunuka kreu ka pekado	Tunuka, te querer não é pecado
Nau ka ta fladu	Não, não se diz
Ma so bu dam ki tenem	Mas se te deres te aceito
Tunuka e ti si kin tem pam flabu	Tunuka só isto tenho a lhe dizer

Esta canção é uma das mais populares deste século, em Cabo Verde. Ela não só faz ressurgir um tema muito recorrente, que é emigração, como fala de um capítulo específico do ciclo migratório para São Tomé e Príncipe⁷, para trabalharem nas plantações de café e Cacau.

Esse cenário é trazido, de novo, mesmo depois de ter passado tantos anos, pois, influenciou diretamente na estruturação social e econômica desses dois arquipélagos, mas, principalmente, em Cabo Verde, visto que, quase ficaram desertas essas ilhas. Casas abandonadas, como podemos constatar na canção, inúmeros pais deixando filhos, ou quando não tinham com quem deixar, estes eram levados e, à semelhança dos pais, trabalhavam nas lavouras.

Manuel Ferreira presenciou essa evasão, assunto que lhe chamou bastante atenção, a ponto de dedicar um capítulo da sua obra *Hora di bai* somente a isso.

Ultimamente surgiu essa coisa degradante para todo cabo verdiano: a emigração para São Tomé e Príncipe. Degradante em todos os aspectos. Já porque as condições de contrato se prestam a nova exploração, servindo mais os angariadores do que propriamente esses desgraçados, já porque não é solução dado que apenas uns

⁷ Por volta dos anos de 1950 houve uma forte evasão de cabo verdianos para as ilhas de São Tomé e Príncipe para trabalharem nas plantações de cacau e café.

escassos milhares se dispõem a ir a caminho de São Tomé (FERREIRA, 1980, p. 124).

Como podemos notar, não era visto com bons olhos, já que se tratava de uma nova forma de escravidão, mas como Cabo Verde se encontrava em total lástima, as famílias não tinham muitas mais opções. Aos poucos que regressavam, quando conseguiam, não aconselhavam ninguém a ir para lá, mas a necessidade falava mais alto.

A canção “Tunuka” se dá nessa conjuntura social, que se refere essa canção a figura matriarcal. Temos como tema dessa canção o nome de uma mulher que é descrita como corajosa, destemida, uma alma indomável, como mostram o terceiro, quarto, e quinto versos: “ ki tem koraji é só Tunuka di meu”/ “quem tem coragem só é minha Tunuka” ; “Sukuru ka dal kudadu, ka doel xintidu”/ “o escuro não lhe preocupa, nem lhe fere os sentidos” ; “ki fari doel korason”/ “muito menos doer-lhe o coração”.

A estrofe que vem a seguir chama atenção, pois, ainda que de forma sorrateira, traz outro assunto. A escravidão. Pode ser difícil de se perceber, mas, essa escuridão a qual Tunuka destemia, está se referindo aos porões dos navios que faziam as viagens transatlânticas em condições subumanas, como veremos em outros versos mais adiante.

Mas, um pouco antes disso a canção retrata a questão do abandono. Vejamos: “Tunuka e nos ki bai” / “Tunuka somos nós que fomos” ; “Nós ki bem” / “nós que viemos” ; “É nos ki fika li me” / “E nós que aqui mesmo ficamos”.

Percebemos uma demonstração dos sentimentos mais íntimos do escritor nesses versos, pois ele compara Tunuka a outras várias mulheres que tem que ir, abandonando filhos marido casa etc; outras “Tunukas” que semelhança a esta teve que ir sem nem olhar para trás; temos as que regressaram sem terem conseguido muitos progressos na vida, e temos as que sequer foram para lugar nenhum, conformadas com a situação em que se encontravam.

Além disso, a ilusão de uma vida melhor nas roças de São Tomé tomara conta de Cabo Verde, já que vinham notícias de uma terra farta, sem escassez de nada, nem trabalho, muito menos comida.

Os que regressavam contavam os sofrimentos nas terras de São Tomé. e de geração em geração, durante dezenas de anos, fora crescendo nas populações de cabo verde o horror pelas “terras do sul”. terras de gente-gentio. Mas a estiagem voltava, a fome

devastava o arquipélago de lés a lés e logo esqueciam as histórias dramáticas do cacau. e inscrevia um, inscrevia-se outro, e outro. Velhos, novos, sadios, estropiados, tudo arrebanhado pela ganância dos angariadores (FERREIRA, 1980, p. 115).

Contudo, ainda bem antes de Tunuka existir, haviam histórias de pessoas que emigraram a São Tomé e Príncipe. Antes mesmo do período de maior estiagem, antes da fome ser um problema social cabo verdiano.

Podemos vê-lo a seguir.

A primeira vaga de contratados vindos de Cabo Verde é de 1903. A sua chegada às roças de São Tomé e Príncipe prolongam-se por todo o século XX, com maior intensidade entre os anos 30-40 (devido às graves crises de fome neste arquipélago) e nos anos 50 (NASCIMENTO, 2003, p. 200).

E assim como Tunuka, várias outras pessoas embarcaram rumo às terras do sul, injuriados, e lá ficaram de mãos e pés atados, à espera do tão sonhado dias melhores, que talvez nunca chegasse, e além do mais, voltar a Cabo Verde, para além de ser um atestado de incapacidade perante a sua família que ficou na terra, era também muito difícil, já que os donos das roças não tinham interesse nenhum em deixar os cabo verdianos regressarem à sua pátria.

Os contratados embarcavam para as ilhas iludidos pela miríade de um contrato de trabalho que, teoricamente, os deixava regressar livremente às suas terras, Eram obrigados a trabalhar em condições desumanas e sujeitos a castigos, sendo que muitos, sobretudo a cabo verdianos, nunca chegaram a ser repatriados, ao contrário do que aconteceu com os angolanos ou os moçambicanos (FEIO,2008, p.200).

Então, a partir disso, podemos traçar a vida que Tunuka e seu companheiro levariam nessas terras, assim como outros milhares de casos que nos passaram despercebidos, no anonimato, e, assim, perceber o que me leva a chamar a emigração para São Tomé de escravidão.

Nos versos a seguir podemos notar as condições em que Tunuka e seu companheiro viajaram, quando chegados lá como foram tratados e em que condições sociais se encontravam.

De 11 a 18 retomo. o assunto, acima mencionado: a escravidão⁸, a subserviência. E não podia ser retratado de forma mais clara. Assunto este que desde os tempos mais remotos da emigração do cabo verdiana fazia parte do seu imaginário, e realidade. Se perdeu as contas de quantas famílias foram trabalhar em São Tomé e Príncipe, como contratados⁹, e lá morreram e ficaram.

11- “É nos ki embarka pa São Tomé” / “Nós que embarcamos a São Tomé”

12- “Injuriadu, Maradu pé” / “Injuriados, de pés atados”

13- “Mi ku bo ki stá lá me” / “Eu e tu estávamos lá”

14- “Tudo n dadu n dou tambe” / “Tudo que me deram dividi contigo”

15- “Na nos pon di kada dia” / “No nosso pão de cada dia”

16- “oxi dretu, manhã mariadu” / “Hoje tem, amanhã talvez não”

17- “Ramediadu ka tem midjor” / “Conformado não há melhor”

18- “ki spera n dadu n dou també” / “Que espera receber para dividir”

Meu destaque vai para o verso 12, onde, viajam num porão de navio, escuro, como deu para perceber nos versos anteriores, e ainda por cima de pés atados. Nos versos a seguir relatam em que condições se alimentavam: dia sim dia não, hora bem e hora nem por isso, mas ainda assim não perderam a esperança de viver, pois, o eu lírico e Tunuka, se amavam e se desejavam muito.

Ele desejou Tunuka por várias vezes, mesmo nessas condições subumanas e precárias. Talvez, penso eu, servisse de consolo, um alento, ou quem sabe um momento de refúgio e de uma tentativa de apagar, ou apenas minimizar, o peso da cruz que tinham que suportar.

⁸ A priori, essas pessoas saíam de Cabo Verde com um contrato, tanto que eram conhecidos como “os contratados”, mas chegando lá a realidade era outra. Eram obrigadas a trabalhar, por algumas moedas, tinham por obrigação morarem nas casinhas dentro dessas propriedades de plantio para, assim, evitar fugas e atrasos ao trabalho. Era semelhante ao sistema de *Plantation*.

⁹ A partir da segunda metade do século XX, surgiu a categoria dos contratados, devido às fortes pressões abolicionistas internacionais, exigindo, assim, que essas pessoas tivessem acesso a condições mínimas de trabalho digno, como salário, moradia, descanso, etc, mas na prática nunca acontecia.

Não muito distante disso, vejamos outra canção, na verdade quase um hino para o cabo verdiano, que vem nos mostrar de forma explícita o que “Tunuka” nos falou de forma sutil, a saudade. Essa canção de Luís Morais¹⁰, eternizada na voz de Cesária Évora¹¹, que também fala da emigração às ilhas de São Tomé e Príncipe, aqui vai soar a um complemento a “Tunuka”. Pode ser interpretado como o sentimento que Tunuka não queria que aparecesse, pois, como diz na própria canção, ela já estava conformada.

Sodade-Cesária Évora

Kem mostra'b
 Ess kamin lonji?
 Kem mostra'b
 Ess kamin lonji?
 Ess kamin pa San Tumé

Sodade, sodade

Sodade

Dess nha terra Sa'Nicolau

Si bo skreve'm

nta skreve'b

Si bo skese'm

Nta skese'b

Até dia k bo voltá

Saudade

Quem te mostrou
 Esse caminho longe?
 Quem te mostrou
 Esse caminho longe?

Esse caminho para São Tomé

Saudade, saudade

Saudade

Dessa minha terra São Nicolau

Se me escreveres

Te escreverei

Se me esqueceres

Te esquecerei

Até o dia que voltares

¹⁰ É um entre os mais importantes personagens da música cabo verdiana, ou melhor, pode ser considerado, sem medo de exagerar, o pai da música moderna cabo verdiana. A sua biografia é estreitamente ligada com a história do grupo por ele fundado, *Voz de Cabo Verde*. Nasce em 10 de fevereiro de 1935 em Mindelo, na ilha de São Vicente e morre inesperadamente em 25 de setembro de 2002 em New Bedford, no estado de Massachusetts, Estados Unidos, onde se recolheu para curar de um câncer que o havia atingido na garganta.

¹¹ Cesária Évora nasceu a 27 de Agosto de 1941 na cidade de Mindelo, em Cabo Verde, A cantora é considerada a "embaixadora da morna", tendo editado 24 discos, entre originais, ao vivo e em parceria com outros artistas de vários países. Cize, para os amigos anunciou o término da sua carreira musical no passado dia 23 de Setembro, depois de 45 anos de carreira a cantar Cabo Verde pelo mundo. A 17 de Dezembro de 2011, a Diva da Morna faleceu aos 70 anos, deixando Cabo Verde e o mundo consternado com a sua morte, na mesma cidade que a viu nascer e traçou-lhe o destino para a morna.

Sodade, sodade	Saudade, saudade
Sodade	Saudade
Dess nha terra Sa' Nicolau	Dessa minha terra São Nicolau

Como podemos notar não são raras canções que falem desse período crítico para cabo verde, que culminou na emigração para São Tomé e Príncipe, e, essa canção acima é a prova de que essa partida era muito dolorosa. Essa canção em especial, fala de um amor abandonado em nome da emigração. Mas nos atentemos à palavra *sodade*¹².

Ao longo da canção é a palavra mais repetida, a que ecoa lá no fundo da alma, a que nos faz fechar os olhos e sentir essa palavra batendo no nosso peito, falando conosco, sentimos como se fossemos parte da canção, também. Assim como em Tunuka, percebemos que o eu lírico demonstra um determinado sentimento ao que lhe ficou para trás. Em Tunuka pode passar despercebido, pois, esta passa a imagem de força e de perseverança, então, nada melhor do que mostrar desapego ao passado, mesmo que seja doloroso. Em *sodade* este sentimento é nítido, expresso de forma mais clara possível. O eu lírico tem *sodade* de sua terra, *sodade* de seu amor que ficou longe, *sodade* do que ainda nem viveu, visto que ele já considera a possibilidade da não resistência desse amor, tanto que nem se lamenta se, por um acaso, seu amor lhe esquecer, mas ao mesmo tempo vem a palavra *sodade* para nos mostrar que mesmo que ele tente não vai ser assim tão fácil.

Em Cabo Verde a palavra saudade faz parte do dia a dia e do imaginário desse povo, já que está ligada diretamente à ideia de partida, de emigração, da insularidade que separa o povo das ilhas. E, mesmo o crioulo sendo uma língua que dificilmente traduz ideias abstratas, a palavra saudade carrega um significado especial, pois trata de unir no mesmo espaço e tempo o sentimento que todo cabo verdiano carrega consigo.

¹² Sodade é saudade.

Altu Kutelu-Renato Cardoso¹³

Na altu kutelu simbrom dja ka tem

Dja seka

Raíz di kalu djobi agu ka atxa

Dja seka

Agu sta fundu nenhum omi ka tral

Dja seka

Mudjer um simana sem lumi ka sendi

Na kaza

Se fidjus na strada so um ta trabadja

Pa dozi merés

Maridu dja dura ki bai pa lisboa

kontratadu

Pa bai pa lisboa e bendi se tera

Metadi di presu

Ali ta trabadja na txuba, na bentu

Na friu

Cimo do monte

No cimo do monte já não há Zimbram

Já secou

Raíz de plantas procuram água e não acham

Já secou

Água está no fundo, ninguem conseguiu tirá-la

Já secou

Mulher sem ligar o fogo há uma semana

Em casa

Seus filhos trabalhando nas estradas

Por doze mil réis

O marido foi a Lisboa há muito tempo

Contratado

Para ir a Lisboa vendeu sua terra

Pela metade do preço

Lá trabalhando na chuva, no vento

No frio

¹³ Renato da Silva Cardoso, nasceu em Mindelo, São Vicente, em 1951 e foi assassinado na cidade da Praia em 30 de Setembro de 1989, atingido por um tiro. Estudou em Mindelo, no liceu Gil Eanes, onde fez o ensino secundário, e licenciou-se em Lisboa, no curso de Direito. Após a independência integrou-se ao aparelho do estado, sendo um dos responsáveis pela reforma da administração pública em Cabo Verde, tendo chegado ao topo da carreira diplomática como Ministro. Desempenhou as funções de vice presidente da primeira comissão eleitoral cabo verdiana, e também de um dos co-fundadores do Movimento para a Democracia, partido que botou abaixo o unipartidarismo em Cabo verde. Compôs inúmeros artigos, desde políticos a religiosos, bem como várias composições e poesias eternizadas pelas vozes mais famosas de Cabo Verde.

Na CUF, Lisnave ou J. Pimenta	Na CUF, Lisnave ou J. Pimenta
Exploradu	Explorado
Mon di obra baratu pa mas ki trabadja	Mão de obra barata por mais que trabalhe
Serventi	Não passa de servente
Mon di obra baratu baraca sem luz	Mão de obra barata, barraco sem luz
Kumi na presa	Comer às pressas
Inda mas inganadu ku se irmon branku	Ainda mais enganado pelo irmão branco
Exploradu	Explorado
Ma na dia ku'm virá pa terra	Mas no dia que voltar à terra
Munti kor de malagueta	Muitas cores de malagueta
Nhos tem ki dam agu	Hão de me dar água
Ku força na brasu	E força nos braços
Consciência di mi. Me mi ki trabadja	Consciência de que trabalhei
Terra de poder e na mi	O poder de minha terra está em mim
Ku simbrm na kutelu	Com zimbram no monte
Mininus na txom	Meus filhos pelo chão
I barku na portu	Meu barco no porto
Nos terra, ai nos terra	Nossa terra, ai nossa terra

A seca e a fome do século passado, ceifaram vidas e sacrificaram famílias nas ilhas, tanto que a maioria teve que abandonar as ilhas às pressas para não perder o que tinham de mais precioso: a vida. A esperança de um futuro e vida melhores ocasionou várias coisas, como a emigração, o êxodo rural, a fragmentação familiar, que tiveram seu impacto socioeconômico para o sub sustento das ilhas.

Nesses poemas, as imagens de seca e de fome, ou de qualquer escassez, são retratadas de forma profunda, de modo a causar maior impacto nos seus leitores, ou ouvintes, no caso das canções.

Essa canção de Renato Cardoso, interpretada pela banda “Os Tubarões¹⁴” é o exemplo perfeito disso.

A poética da canção é toda construída em cima de um cenário de aridez, por exemplo, nos três primeiros versos, tem-se uma planta seca: “Na alto cutelo simbron dja ka tem, dja seca” / “No cimo do monte já não há zimbram, secou”, no segundo temos uma planta sedenta que não tem uma gota de água sequer para sobreviver: “raiz de calo djobi agu i ka atxal” / “raiz de planta procurou água e não achou, já secou”, e no terceiro verso temos um poço fundo, seco, sem água, que ninguém conseguiu sequer um balde de água “agu sta fundo nenhum omi ka tral” / “a água está no fundo e nenhum homem conseguiu tirar”, o mais curioso são as últimas palavras de cada verso repetidas, causando uma comoção fora do normal, nos leva a viajar no tempo, e imaginar esse cenário de pobreza extrema, seca extrema, fome assolando famílias, chega a ser comovente.

A fome, também, ganha o mesmo destaque nas construções poéticas. No quarto verso temos um exemplo perfeito do que se passava naquela época, por volta de 1940, onde cabo verde enfrentou 15 anos consecutivos de seca e fome. Um fogão sem ser aceso por uma semana. Por quê? não se tinha o que cozinhar, ou seja, uma semana de fome, uma semana sem se alimentar, uma semana sem ter o que dar de comer a seus filhos. A miséria era tanta que a única coisa que ocorria era emigrar-se a uma terra longe, de ninguém, sem ninguém, mas com a certeza de que o pão de cada dia não faltaria, ou não, mas era válido tentar qualquer coisa do que ficar refém daquela vida miserável.

Manuel Ferreira, no seu livro intitulado “Hora di bai”, fala um pouco do cenário que eram as ilhas do barlavento¹⁵, mas que pode muito bem ser aproximada desta canção, mesmo que tenham como ponto de referência lugares diferentes, visto que essa canção é escrita a partir de Santiago, que é no Sotavento¹⁶:

Nem a sopa da assistência¹⁷ evitava que no alvor da madrugada a carroça da câmara levasse os que haviam tombado, de noite, na rua, inteiriçados¹⁸, frios. Nem a sopa da

¹⁴ O grupo foi fundado em 1969, e desintegrou-se em 1996, tendo acompanhado a transição do Cabo Verde pré independência até às primeiras eleições democráticas que aconteceram no começo dos anos de 1990. Em 1975, no ano da independência, começou a sua internacionalização com o seu primeiro álbum intitulado Pepi Lopi (um herói da guerra de libertação de Cabo Verde e Guiné Bissau), contendo mais de 45 canções, entre elas *Altu Kutelu*, que se encontra neste trabalho. A banda foi sofrendo algumas alterações na sua formação, mas basicamente terminou com os mesmos integrantes que a fundaram. Foram eles: Ildo Lobo, cantor e guitarrista; Jaime Rosário, guitarra solo e sopro; Mário Bettencourt, baixo; José Carlos Couto, teclados, e Duia, bateria. É também curioso, que eles não eram artistas a tempo integral, todos tinham uma profissão formal paralela a isso. Eram médicos, advogados, professores, jornalistas, entre outros.

¹⁵ As ilhas do Norte

¹⁶ As ilhas do sul

¹⁷ Sopa distribuída pelo governo da colônia. Era uma forma de assegurar de que uma parcela mínima da população sobreviva aos anos de estiagem pelos quais passou Cabo Verde.

assistência o evitava, bem se pode dizer: as bocas famintas, senhor, eram às dezenas de milhares (FERREIRA,1980,p.18).

Este trecho do livro traz à tona muitas coisas, apesar de ser pequeno, é de profunda análise. Repare que está se falando de uma sopa, ou seja, comida, mas mesmo assim não era suficiente. Tinham milhares de pessoas para comer desta mesma sopa. Ou seja, mesmo tendo comida, ainda tinham os que estavam à margem desse benefício e ainda morriam à fome. “Na altu kutelu” nos traz a mesma preocupação. Há plantas, mas estão morrendo por falta de água, isto é, não tem para onde recorrer se nem a fonte da comida está tendo comida. A *sina* era morrer de fome?

Sair da miséria de sua terra pra entrar na miséria no estrangeiro, nem sempre se aventurar em terras estrangeiras dava certo. O exemplo disso está nos versos 16, 17 e 18. O primeiro fala a situação que muitos emigrantes passam nesses lugares: fome e frio, ou seja, o que ganhava não garantia sua alimentação e alojamento, morar em condições precárias não é nenhum espanto. No verso seguinte nos fala da mão de obra escravizada. Sim! Por mais que trabalhassem não tinham dinheiro suficiente para nada. O último verso nos mostra a situação em que morava (barraca sem luz i kumi na pressa), num barraco sem luz, e tendo que comer às pressas para voltar logo ao batente.

Por mais que nos pareça estranho muitas famílias sacrificavam o pouco, mas certo, que tinham em troca de um muito duvidoso, que na maioria das vezes não se concretizou. a promessa de uma vida melhor, um trabalho digno e fartura foram responsáveis pelo movimento migratório de cabo verdianos para as américas e europa no século passado.

Li ke nha txom-Renato Cardoso

Ai ki sodade

Ai ki tristeza

Nha dona dja mori

Nhas fidjus dja bai

Mi so ta sofrê

Aqui é meu chão

Ai que saudade

Ai que tristeza

Minha avó morreu

Meus filhos já partiram

Sozinha eu soffro

¹⁸ Enrijecido/ Endurecido

Sem kaza, sem pom

Ku serom baziu

Ma li ke nha txom

Sem casa, sem pão

A dispensa vaazia

Mas aqui é o meu chão

N'tenta um surizu forsadu

N' sukundi nha raiba na petu

Pergunta Deus ku ruspetu

Pamodi kuza e sin fetu

Tentei um sorriso forçado

Escondi minha raiva no peito

Perguntei a Deus com respeito

Por quê as coisas são assim

Riba kutelu

Ta spia pa mar

Ku ganas de bai

Pa bai sirbi rei

La tera lonji

No cimo do monte

Olhando para o mar

Com vontades de partir

Para ir servir ao rei

Lá em terras distantes

Xam pensa midjor

Sem kasa, sem pom

Ku serom baziu

Ma li ke nha txom

Pensei melhor

sem casa, sem pão

A dispensa vazia

Mas aqui é o meu chão

Essa canção é um firmamento. Ela nos traz um sentimento de pertença à terra, mas ao mesmo tempo nos deixa confusos em relação ao que ele/ela realmente quer. Vejamos o por quê: ama seu pedacinho de chão mas quer partir; se sente só, afinal seus filhos já partiram e sua avó já morreu, mas não quer deixar a casa, que por sinal foi a única coisa que sobrou; passa fome e sede mas tem medo de passar frio na terra desconhecida.

Viviane Bosi, nos traduz perfeitamente, esse sentimento de pertença à terra:

Quando lemos um poema algo relacionado a terra, agrega-se a ela sobretudo qualidades que teriam ligação com solidez, segurança e maternidade, e pode-se então contrapor, talvez, ao mar, com seus mistérios e ondulações...(BOSI, 2001, p. 22).

É normal que uma onda de dúvidas paire sobre nossa cabeça quando pensamos em deixar tudo o que construímos e lutamos para ter para trás. Não seria fácil para ninguém, por mais que fosse por necessidade largar, por mais que passemos por dificuldades, ali é o lugar onde pertencemos, o lugar que nos acolhe, acalenta a alma, onde nos sentimos seguros. Em contrapartida temos um mar de coisas novas por descobrir, uma mar de tribulações para enfrentar e um mar, literalmente, para atravessar. Isso soa cruel e assustador. E o medo de largar tudo só aumenta, até porque se se arrepender não pode simplesmente voltar para casa, não é assim tão fácil.

Esse pertencimento logo é posto por terra, quando o eu lírico mostra o caos pelo qual passa diariamente. A canção nos passa uma imagem de verdadeira miséria, imagino um cenário bem seco, uma casa abandonada no meio do nada, em cima de um monte, longe de tudo e de todos. A imagem construída nos faz viajar através do espaço e do tempo, para chegarmos a Cabo Verde do século 20, um país pobre, com escassez de chuva, logo de água e de comida, o êxodo assolando as ilhas e o mar separando essas pequenas ilhas do resto do mundo.

Do 1º ao 5º verso sentimos a solidão desse eu lírico, pois em todos os versos estão presentes marcas textuais que permitem tal interpretação, como por exemplo, no 1º temos “Ai ki sodadi” / “Ai que saudade”, e no segundo “Ai ki tristeza” / “Ai que tristeza”. Estes dois primeiros versos nos mostram o quanto o eu lírico sofre com a saudade. Primeiro se lamentando pela saudade e depois pela tristeza, dando a entender, até, que a tristeza é decorrente da saudade. Nos 3 versos seguintes ele nos apresenta mais motivos para a sua tristeza e saudade, dizendo: “Nha dona dja mori”/ “Minha avó morreu” ; “Nhas fidjus dja bai” / “Meus filhos já partiram” ; “Mi so ki fika” / “Fiquei sozinha (o)”, tornando mais evidente ainda a sua solidão e tristeza.

Motivos para estar triste não lhe faltavam, e para completar a tragédia ele nos bota a par da sua situação financeira: “Sem kaza, sem pon” / “Sem casa, sem pão” ; “Ku serom baziu”/ “Com a despensa vazia” ; “Mas li ke nha txom”/ “Mas aqui é o meu chão”.

De novo temos a figura de Manuel Ferreira, quem muito bem, interpretou o modo de vida desse povo, falando da situação caótica em que se encontrava a sociedade cabo verdiana na época: “Lá no interior, casa intactas só as de gente rica, ou *ramediados*¹⁹, e nem sempre.

¹⁹ Os que tinham algum meio de subsistência. Podiam não ser ricos, mas não eram miseráveis.

Muitas delas sem janelas, sem teto, sem portas, abandonadas na paisagem descarnada. A maldição varera as ilhas. A maldição da estiagem. Da fome”. (FERREIRA,1980,p.18).

Que calamidade! Quem aguentaria viver nessas condições, se não fosse por um sentimento tão nobre quanto o de pertencimento à pátria, amor a seu país, amor ao chão onde “bu biku sta interadu²⁰”.

Apesar das adversidades, ele está no seu chão, na sua terra, na sua casa. O que pode ser mais confortante do que isso? Contudo um chamado íntimo vem para confundir seus sentimentos, e os nossos também, e sua cabeça. A eterna dúvida entre ir tentar uma vida melhor sem a certeza de que tal acontecerá, ou, permanecer nessa vida medíocre, situação financeira gritante e sem falar na saudade que sentia dos filhos. Talvez, sim, fosse melhor partir.

Capítulo II- Saudades da família/companheiro explicitada em versos

Mudamos um pouco o foco, agora, das canções, para abraçarmos outra causa, também originada pela emigração: a fragmentação familiar.

Como é sabido, Cabo Verde, um pequeno país insular da costa ocidental africana, é um dos países do mundo em que a maior parte de sua população vive na diáspora por ‘n’ motivos, citados anteriormente, e uma das diversas consequências disso, com certeza, é a desestruturação, ou fragmentação familiar, como veremos nas canções a seguir.

Não são raros os casos de famílias que se separam, e só se reencontram décadas depois, muitas vezes em situações adversas, como a morte de um parente próximo em comum, bem como os casos em que o filho sequer conhece o pai ou a mãe, atentando-se ao fato de estarmos falando do século passado, sem advento da internet, ou a facilidade no envio de cartões postais, ou cartas, já que na sua imensa maioria esses imigrantes eram analfabetos.

Se os casos de “abandono” paterno/materno não são raros, mais comuns a isso são os casos de “abandono” conjugal. E, por incrível que possa parecer, até hoje são comuns famílias

²⁰ “Bu biku sta interadu” significa o lugar onde você nasceu. A sua raiz. Uma expressão antiga, sem o conhecimento de uma data específica para o seu surgimento, que se deu por causa dos partos caseiros, que eram bem frequentes no século passado, e os cabo verdianos, em específico, tinham o hábito de enterrar o pedaço do cordão umbilical que é descartado logo à nascença, para que mal nenhum te atinja e servia como demarcação de território, para que a pessoa nunca esqueça de onde ela veio.

monoparentais, vivendo em completa escassez de tudo, onde um pai ou uma mãe viva no estrangeiro, tendo viajado com a “missão” de assegurar a melhora de vida de sua família que ficou na terra. Mas, chegando lá, por motivos anteriormente mencionados (no capítulo I), acaba não sobrando recursos para enviar à família em cabo verde.

E, paralelo a isso, temos um caso muito curioso: uma grande parte desses pais que viajam acabam construindo novas famílias, muitas vezes sem que a de Cabo Verde saiba, acaba levando essa vida dupla, e entre sustentar um que está longe e não vê nada é preferível sustentar o que está por perto.

Também achamos casos em que os filhos abandonam a casa, não para estudar, como se dá agora, na modernidade, mas para trabalhar e sustentar pai, mãe e irmãos menores. Saem em busca da tão almejada felicidade, ou, simplesmente na tentativa de fugir desse ciclo de nascer, crescer, viver e morrer na miséria, Afinal “ se ka badu ka ta biradu”²¹.

Veremos abaixo, na canção intitulada “Manu”, um exemplo disso. Um filho viu-se obrigado a abandonar a mãe para tentar uma vida melhor. Logo nos três primeiros versos somos postos cara a cara com a situação que a vida impõe a Manu: a imigração dele não foi por querer, aliás, quase nunca é, mas sim pela extrema necessidade que o conduziu a tal caminho. Vejamos:

“Manú” Nancy Vieira²²

Manu tev ki dexa se mãe

El tev ki dexa se tera

Pal bai pa tera lonji

Mama flal fidji ka bo bai

Nka ta podê guenta sem bo

Ta morê so di sodade

“Manú”

Manu teve que deixar a sua mãe

Teve que deixar sua terra

Para ir a terras longes

sua mãe lhe disse: filho não vás

Não aguentarei sem ti

Morrerei de saudades

²¹ Expressão criada por Eugênio Tavares para dizer que “Se não formos não regressaremos”

²² Cantora de origem cabo-verdiana residente em Portugal, nascida em 1975. Nascida na Guiné-Bissau, filha de pais cabo verdianos, estes regressam a Cabo Verde onde passa toda a infância e emigra para Lisboa aos catorze anos. Editou o seu álbum de estreia em 1995, intitulado Lus. O seu estilo se caracteriza por uma fusão dos ritmos tradicionais da música de Cabo Verde com influências de outras partes do globo, nomeadamente do Brasil e Antilhas. A solo, para além de Portugal e Cabo Verde, actuou em palcos de países como Reino Unido, Holanda, EUA, Angola, entre outros.

S'un ka bai no ta morê di fom
 Sem ningem spia pa nos
 Sem papa no tem ki trabadja
 Pa nu ka padecê

Se não for morreremos de fome
 Sem que ninguém olhe por nós
 Sem papai teremos que trabalhar
 Para não padecermos

One passod se pai morê
 Vitma dum doensa diferenti
 El fika so ku se mãe

Ano passado seu pai faleceu
 Vítima de uma doença diferente
 Ele ficou só com a mãe

Por iss oji el ta na stranger
 Ta luta kontra mar i vent
 Pa fazê sê mãe felis

Por isso hoje ele está no estrangeiro
 Lutando contra o mar e o vento
 Para fazer sua mãe feliz

El regressa ess one a se tera
 El bem brasa se mãe
 Um mês dipôs el torna bai stranger
 Ku dokumentu di migrant

Ele regressou esse ano à sua terra
 Veio abraçar sua mãe
 Um mês depois voltou ao estrangeiro
 Com visto de emigrante

O verbo “teve”, acompanhado pela preposição “que” nos mostra essa imposição. Imposição do destino. Imposição feita pela vida. Imposição da qual não pôde fugir.

Essa canção é uma típica canção de *lamentu*²³. O que pode ser mais triste do que a súplica de uma mãe para que o filho não se afaste dela? A canção toda é construída em cima desse laço afetivo, o que a torna muito melancólica, doído, mexe com as feridas mais íntimas, tanto de uma mãe, como de um filho.

²³ Lamento é a morna. Antes de ser conhecida como morna, era chamada de canção de lamento por ser muito triste e melancólico. Estudiosos, defendem que esse lamento era choro dos escravos que ficavam presos nos campos de trabalho, e durante a noite começavam a entoar um choro embalado por um cavaquinho, ou batuque ritmado, e com um leve sussurro.

A segunda estrofe não é diferente. Temos a figura materna da mãe de Manu, e mesmo com todas as dificuldades da vida não queria que o filho se sacrificasse e expôs seus mais profundos sentimentos. Uma coisa é perceptível: os dois se amam muito.

E isso, de certa forma, mexe muito com o imaginário de um ser humano. o Amor e a dor da separação entre uma mãe e seu filho. Ora bem: “mama flal fidji ka bô bá” / “sua mãe lhe disse: filho não vás”; “nka ta podê guenta sem bô” / “não posso aguentar sem você”; “ta morê so de sodádi” / “morrerei de saudades”.

Na terceira estrofe temos: “S’un ka bá no ta morê de fom” / “se não for morremos à fome”; “Sem ningem spia pa nos” / “sem que ninguém olhe por nós”; “sem papa nu tem ki trabadja” / “sem papai temos que trabalhar”; “pa nu ka padecé” / “para não padecermos”.

Isso soa a uma despedida, justificando o porquê de seu abandono. Nessa estrofe entra a figura do pai, omissa, e mais adiante saberemos o porquê. Aqui o narrador nos conta a causa pela qual o pai de Manu se ausente. Ele é falecido, vítima de uma doença, e Manu só ficou com sua mãe. Notamos que Manu é filho único, especificamente, dois aspectos me fazem chegar a essa conclusão: o primeiro, só se tem relato de três pessoas, a mãe, o pai e ele, pressupondo que ele não tenha mais irmãos. O segundo, o desespero da mãe ao ver seu filho partir. Atenção! Não estou dizendo que se ela tivesse outros filhos ela não se importaria, mas, acredito que seria um alento a ela, e não se sentiria tão só. Em nenhum momento se fala em outros parentes próximos.

No final da canção temos uma notícia boa, ele foi visitar a mãe em casa. Teve que regressar, decerto, para trabalhar, mas ao menos, ele não esqueceu e nem abandonou a mãe, como acontece com frequência.

“Manu”, Com certeza, cantou as dores de incontáveis mães e filhos que se viram separados por uma força superior, que parece reger a vida de todo cabo verdiano, de uma forma ou de outra, a imigração, que de forma inevitável, vem mudando o cenário político, sócio econômico, cultural e literário cabo verdiano através dos tempos.

Antes de mais, apresentarei, Eugénio Tavares, este ilustre poeta romântico, cantor, compositor e jornalista bravense²⁴. A 18 de Outubro nascia aquele que viria a ser um dos, senão o maior, poeta cabo verdiano, nascido na Ilha das flores²⁵, cresceu cercado de flores e de encantos naturais, sem falar numa bela vista que tinha para o mar, fatores que devem ter inspirado este brilhante artista.

“Morna di dispidida” Eugénio Tavares

Ora di bai

Ora di dor

J’am ka kre pel manxê

Di kada bes kin lembra ma nkre fika

Ta dam ganas de morê

Ora di bai

Ora di dor

Amor dexa’m txôra

korpu katibu

Bai bo ke skrabu

Oh alma bibu kem ki kre lebabu?

Si bem e dosi

Bai e margôs

Ma si ka badu

Ka ta biradu

Si na bai n morê

“Morna da despedida”

Hora de partir

Hora de dor

Já não quero que amanheça

De cada vez que me lembro de que quero
ficar

Me dá vontade de morrer

Hora de partir

Hora de dor

Amor, deixe-me chorar

Corpo cativo

Vai você que é escravo

Oh alma viva, alguém quer te levar?

Se o voltar é doce

O partir é amargo

Mas se não formos

Não regressamos

Se na partida eu morrer

²⁴ Pessoa natural da ilha da Brava.

²⁵ Como é, carinhosamente, chamada a ilha da Brava.

Na volta Deus al dexam vivê

Na volta Deus há de me ressuscitar

Dexam txora

Deixe-me chorar

Ki distinu e ês di omi

Que destino é essa do homem

Ês dor ki ka tem nomi

Essa dor que não tem nome

Dor di um kretxeu

Dor de um bem querer

Dor di sodade

Dor de saudade

Dor di kenha ki bu kre txeu

Dor de quem você quer bem

I ki kreu txeu també

E de quem te quer bem também

Dexam txôra

Deixe-me chorar

Ki distinu e es di omi

Que destino é esse do homem

Ês dor ki ka tem nomi

Essa do que não tem nome

Sofrê na bu frenti

Sofrer na sua frente

E tem certesa

É ter certeza

Di morê na ausência di bu tristesa

De morrer na ausência da sua tristeza

Escreveu tantas composições com este tema, que me foi difícil escolher uma só. Mas, optei pela que mais marcou suas mornas. Aqui ele dedicou à amada, que vivia viajando com o pai, visto que este era um militar português, mas Eugênio acaba se casando com outra mulher que também ganha a sua canção de amor.

Voltando a morna despedida, é notória a sua dor com a partida a terra junges e ter que ficar longe de seu amor. A dor é tanta que ele deseja morrer durante a travessia é só ressuscitar Quando estivesse voltando a casa (versos 17:18). Eugênio trata bem a figura é de se partir: algo doloroso, desconfortável, amargo, como ele mesmo diz no verso 14. é uma

tristeza sem tamanho, sem fim, é uma dor que consome por dentro, mas é o triste fardo do cabo-verdiano, do “tem ki bai ku ganas de fika”²⁶, como bem fala Manuel Ferreira:

As razões agora da *Ora di bai* definem-se em outros parâmetros. No primeiro caso os homens são acoissados, empurrados. Resistem, mas a alternativa seria a de muitos outros: morrer de fome. Daí que se possa para este caso emblemática designação: querer ficar e ter que partir. O mar, porém, está ali para limitar-lhe os passos. O mar ali funciona como as grades de uma prisão. Então, diríamos querer partir e ter que ficar. Eis como o *terra-longismo* em literatura se bipolariza: um de raiz econômica outro de raiz intelectual. O de raiz econômica detecta-se principalmente na ficção e também na poesia. O de raiz intelectual, se a memória não nos falha, apenas na poesia. O primeiro porventura o mais autêntico, o profundamente real e vivido. O segundo depende: uma certa autenticidade deixa tal às vezes contaminar-se de literatura. O primeiro uma constante sócio-econômica cabo verdiana. O último, explosivo do período que decorre de 30-40, com tendência para ser contido mercê de uma visão ganha na consciência da necessidade de se *fincarem* os pés a vida ali no chão da terra madrastra mas apetecida. Ao primeiro chamaríamos de emigração, e ao segundo de evasão (FERREIRA, 1972, p. 68)

Essa realidade fazia parte do imaginário de Eugênio, visto que, em quase todas as fases de suas obras literárias ele dedica atenção especial à emigração, inclusive, tem um nome carinhoso a esse fato: “oras di bai” / “hora de partir”.

Podemos achar, facilmente, esse tema em várias canções e poemas de Eugênio, mas, vamos nos referir, especificamente, a canção “Partindo”. Que em semelhança à “Morna da despedida” retrata um amor forçado à separação, causada pela emigração.

Partindo

Triste, por te deixar, de manhãzinha
 Desci ao porto. E logo, asas ao vento,
 Fomos singrando, sob um céu cinzento,
 Como, num ar de chuva, uma andorinha.

Olhos na Ilha eu vi, amiga minha,
 A pouco e pouco, num decrescimento,
 Fugir o Lar, perder-se num momento
 A montanha em que o nosso amor se aninha.

²⁶ Ter que partir com vontade de ficar. É a emigração forçada falando mais alto que a vontade do sujeito.

Nada pergunto; nem quero saber

Aonde vou: se voltarei sequer;

Quanto, em ventura ou lágrimas, me espera

Apenas sei, ó minha Primavera,

Que tu me ficas lacrimosa e triste.

E que sem ti a Luz já não existe.

Eugénio Tavares

Podemos constatar que em ambas as canções essa figura do amor quase impossível, devido à separação, está presente. Na primeira, temos Eugénio inconformado com a possibilidade de ir para longe e deixar sua amada, tanto que ele afirma que ele não quer que amanheça, ou em versos a seguir, ele deseja a morte à separação de sua amada. Já nessa, parece que ele aceita o fato de ter que partir, triste, deveras, mas conformado, Não questiona, mas também nem quer saber para onde vai, só se importará em ter o caminho de volta um dia, quem sabe, e mais brevemente possível.

Apesar de não estar explícita, na segunda canção temos a informação de sua partida, pois nos versos 6, 7 e 8, sabemos que ele está se distanciando da costa quando ele diz que a amada vai decrescendo, ou seja, a distância vai fazer com que ela apareça cada vez menor, e diz também, que de a de longe ele avista a montanha onde se aninhava com o seu amor. Já está longe a ponto de conseguir alcançar com as vistas a montanha lá de longe. Nos dá a sensação de movimento, e apesar, da distância do tempo poético, podemos acompanhar esses movimentos, imaginando um cenário, uma ilha se decrescendo no horizonte a ponto de sumir. Ele não quer saber de mais nada, está muito abalado com a última imagem que vera de seu amor: ela triste e lacrimosa. É de partir o coração. E a tristeza é tanta que ele vive num abismo de escuridão, até o dia de seu regresso, talvez. Isso se tiver um regresso. Pois como bem sabemos, por vários motivos muitos nunca retornam a suas casas.

Eugênio explica que, por mais que fosse doloroso se separar da mãe, nada se comparava à dor de se separar de seu amor. De novo temos a figura de um amor separado pela imigração, que praga é essa que destrói o coração dos jovens apaixonados, hein, Eugênio? Este tema é bastante recorrente para ele, por motivos pessoais, talvez, ou simplesmente se inspirou nas diversas histórias que ele deve ter presenciado, ainda mais se tratando da época e do lugar em que ele vivia. A brava da pesca da baleia²⁷.

Não se tem registro, pelo menos por escrito, de sua especial atenção a imigração retratada em versos, mas não faltam poemas, canções e artigos jornalísticos falando sobre o assunto.

Genivaldo sobrinho, na sua tese, conseguiu talvez com um pouco mais de clareza esses sentimentos de Eugênio.

A imigração, frequentemente, associada à dor poética de Eugénio Tavares, em língua portuguesa negativa vou partir com o sentimento de saudade. O campo da emigração é de pranto, de amargura, de mágoa que se opõe à alegria do regresso. Esse é o grande dilema dos poemas pertencentes a esse núcleo (Sobrinho,2010,p.83).

Genivaldo, conseguiu desbravar esses sentimentos do nosso poeta, adentrar na sua alma e, assim, nos trouxe o que há de mais íntimo para um homem: a dor que o assola por dentro, que o aflige, que o “mata”, mas uma dor necessária e quase inevitável para um cabo verdiano. Talvez, não exista, um único cidadão por essas ilhas, sequer, que nunca tenha sentido a dor da separação, seja do pai, da mãe, do filho, do amigo, ou de seu/sua amado/a.

“Partida” Cesária Évora

Nha kretxeu

J'am sta ta parti

Oh partida so bo podia separanu

Nha kretxeu levantá pam bem brasau

Levantá pam bei beijabu

Pam kariasibu es bu faci

“Partida”

Meu bem querer

Já estou de partida

Oh partida só você para nos fazer sepearar

Meu bem levanta-te para eu te abraçar

Levanta-te para te beijar

Para acariciar a sua face

²⁷ Brava, assim como a ilha do Fogo, foi uma das ilhas que mais recebia embarcações, dos Estados Unidos principalmente, que atracavam nas suas costas para a pesca da baleia, e isso acarretou no forte ciclo migratório dessas duas ilhas, em particular, para os Estados Unidos, e a partir daí para outras partes do mundo.

El ta sirvi pa leva	Ele (o mar) serve para levar
Ma el ta sirvi pa transporta	Mas também serve para transportar
Kaminhu lonji e separasom	O caminho longe é separação
E sofrimentu di amor pa bo	É sofrimento de meu amor por ti
Oh partida b lebam bo ta torna trazem	Oh partido se estás me levando vais me trazer de volta
Oh madrugada imajem di nha alma	Oh madrugada à imagem de minha alma
Ma nha kretxeu entregam sés lágrimas	Meu bem me entregou suas lágrimas
Pam ka sofrê nem txora	Para não sofrer e nem chorar
Es sofrimentu e ka e so pa mi	Esse sofrimento não é para uma pessoa só
Oh partida bo e um dor profundu	Oh partida, você é uma dor profunda

Mais uma vez presente nesses versos, a dor da partida. Não uma simples dor, ou uma simples partida, mas a dor da partida para longe de sua companheira. Como podemos constatar, com base em análises anteriores, este tipo de sentimento é muito comum nas canções que tem como base a emigração, visto que, houve e ainda há muita separação conjugal causada pela emigração.

Esta canção, não muito diferente das outras, é muito sentimentalista. Mas, ela em particular expressa de modo literal essa tristeza, essa mágoa, essa dor causada pela separação. Até agora, em todas as minhas análises ela foi a mais fácil de identificar a mensagem, uma vez que a linguagem dela é mais direta e clara.

Temos então, a presença de um sujeito, o eu lírico, que conta a sua experiência sofrida de ter que partir e deixar para trás seu amor. Observemos: no segundo verso temos a afirmação clara de seu amor: “Oh partida so bo podia separanu” / “Oh partida só você poderia nos fazer separar”, pressupondo que não haveria outro motivo que pudesse ocasionar sua separação. Tanto é o amor, a entrega, a paixão que sequer se cogita a ideia de ter outra força maior que o amor deles, só a separação de corpos para fazerem suas almas se separarem. E essa demonstração de amor e afeto continua nos versos seguintes, dizendo: “Nha kretxeu

levantá pam bem brasabu” / “Meu bem levanta-te para te abraçar”; “Levantá pam bem beijabu” / “levanta-te para te beijar”; “pam kariciabu es bu face” / “para acariciar essa sua face”. O laço afetivo estabelecido entre eles é forte e nessas palavras é palpável a angústia que a distância causaria em ambos, como podemos ver nos versos seguintes, uma tentativa de amenizar, afogar as mágoas, ou minimizar a ausência de um na vida do outro: “Oh partida bo leval bo ta torna trazel” / “oh partida você levou e vai trazer de volta”. Equivale dizer “Meu amor, não se preocupe. Estou indo, mas estarei de volta”.

Mais adiante percebemos que ele já fala de um lugar diferente da de sua casa, pois, ele retrata como são suas noites longe, dando-nos a sensação de movimento e transitoriedade no espaço, visto que ele fala de outra perspectiva (não de uma dor futura, mas de um sofrimento atual e presente pela qual está passando), permitindo que o leitor/ouvinte saiba de onde ele fala. Ele ainda deixa claro como são seus dias longe de sua amada. Dias amargos, longos, noites sem muita luz, madrugadas escuras e frias, fazendo um comparativo de como se encontrava a sua alma nesse momento, sem muita animação e vontade de viver, lembrando que há pouco tempo atrás estava na companhia de sua amada, a qual se despreendeu para viajar, e a última imagem que lhe ficou guardada foi de sua amada chorando, triste e desesperançosa, coisa que o magoa muito: “I madrugada é imajen di nha alma” / “A madrugada é a imagem de minha alma”; “Ma nha kretxeu entregam sés lágrimas” / “Mas meu bem querer me entregou suas lágrimas”; “pam ka sofrê e nem txora” / “para não sofrer e nem chorar”; “es sofrimento e ka e so pa mi” / “esse sofrimento é demais para uma pessoa só”; “ai partida bo e um profundo” / “ai partida você é uma dor profunda”.

Apesar de todo esse sofrimento ele ainda é esperançoso em relação e seu futuro, podemos perceber que ele guarda com afeto a última lembrança, antes de partir, de sua amada e assim lhe conforta saber que existe uma pessoa que também se sente triste e só com a sua partida, do outro lado existe uma mulher que lhe rendeu e entregou todos os seus sentimentos e que com certeza espera a sua volta, com muito carinho e amor guardados.

Capítulo III- Temas nacionalistas

Não muito distante dos outros vieses da emigração, temos esse, que , nos mostra um outro lado da emigração, que é o amor à sua pátria. Visão esta que se não nos for mostrada, talvez passe de forma despercebida. Não que seja menos importante, mas por que seria mais “normal” um filho querer voltar à sua casa depois de anos fora.

Lembremos que a maioria das pessoas que viajaram para fora de Cabo Verde nessa época, foram por motivos de força maior, como acontecimentos climáticos que ocasionam vários outros problemas, como a fome e a miséria, e conseqüentemente, o desemprego, visto que a maioria desses poemas são escritos a partir do homem do campo, o homem que tem um gado para dar o que comer e não ter, porque não chove há muito tempo, não tem o que vender para comprar outras coisas que ele não produza, pois não choveu, logo, não tem o que vender.

Então, essa volta ao lar, é mais do que merecida, mais do que almejada, mais do que desejada, é uma resposta ao destino de que foi, viveu, venceu e está de volta à sua terra. Terra onde *bu biku sta interadu* (O lugar onde seu umbigo está enterrado). Mais do que uma volta ao lar, uma vitória.

Durante esse tempo em que se esteve fora, passam várias coisas pelas suas cabeças, coisas que podemos notar nas canções, como o amor que talvez não era expressado quando se teve a chance, ver o quanto seu país é rico e diverso, dentro de suas limitações, ocasionadas pela natureza, o quanto sua família lhe ama, a partir do momento que você não tem esse aconchego, você se dá conta do quanto era feliz e nao sabia.

Veremos algumas canções que cantam este sentimento, que atravessa gerações e ainda causam a mesma comoção em todos.

“Ah se n sabeba”- Beto Dias²⁸

Ess mundu tem txeu volta
Ness mundu djan tem txeu ki konta
Anós ki dexa nos tera

“Ah se eu soubesse”

Esse mundo dá muitas voltas
Nesse mundo já tenho que contar
Nós que deixamos nossa terra

²⁸ Nasceu no Concelho do Tarrafal de Santiago, na localidade de Ribeira das Pratas. O projecto de seguir a música define-se na Holanda, para onde emigra, com apenas 11 anos, em companhia dos pais e irmãos. Na década de 80 integra o grupo Rabelados como guitarrista e começa a sua carreira na música.

Ki dexa nos familia	Que deixamos nossas famílias
Na tenta buska um vida midjor	Buscando uma vida melhor
Na tera d'algém sem garantia	Em terras estranhas sem garantias
Gentis grandis sempri ta fla	Os antepassados sempre diziam
Ma nos e ka spertu pa venci nos distinu	Nunca somos espertos quando se trata de nosso destino
I e pur isu ki mi nta fla	E é por isso que eu digo
Ah se n sabeba	Ah seu eu soubesse
Nka ta binha	Não teria vindo
Ah se n sabeba	Ah se soubesse
Nta fikaba la na nha tera	Ficaria na minha terra
Na nha tera kerida	Na minha terra querida
Mi nta vivi la	Vou viver lá
Djan kre bai spia vulkon di fogu	Já quero ir ver o vulcão do Fogo
Monti kara e piku d'antónia	Monte cara e o Pico d'antónia
Portu novu i cidade velha	Porto novo e Cidade velha

Vamos reparar, que nesses versos muita coisa é posta para fora, como alguns sentimentos que não percebemos noutras canções, como, o extremo amor à pátria, o “endeusamento” de seu país, percebemos que essa supervalorização se dá principalmente, em detrimento da saudade que o eu lírico sente de seu cantinho, seu aconchego e seu lar. Também tem muita relação com a família, como estão expressos nesses versos acima.

O eu lírico, além de falar da saudade que sente da família, destaca a saudade que sente de alguns lugares específicos, como se ali preenchesse todo seu vaio, e o completasse de forma plena, é o patriotismo falando mais alto que a razão, até por que temos a plena consciência de que se fosse assim tão perfeito ele não abandonaria tudo para ir atrás de Um futuro incerto.

Nos primeiros versos, destacamos a sua preocupação de justificar o porquê da sua saída para uma terra longe. O eu lírico nos fala da sua experiência enquanto um filho que se sente obrigado a deixar sua casa, sua família, seu berço, para ir atrás de um sonho, o de ter uma vida melhor. Vejamos: “anos ki dexa nos terra” / “nós que deixamos nossa terra”; “ki dexa nos familia” / “que deixamos nossa família”; “na tenta buska um vida midjor” / “na tentativa de buscar uma vida melhor”; “na tera d’algen sem garantia” / numa terra estranha sem garantias”. Esses quatro versos explicitam o seu sentimento e seus motivos para ter que abandonar tudo.

Mas logo depois vem o arrependimento. Uma exclamação muito bem posta: Ah se eu soubesse! Imagino até que dizendo isso ele tinha suspirado, foi profundo e ao mesmo tempo triste, vendo um jovem correndo atrás de um sonho e chegando lá se deparou com coisas muito diferentes do que talvez tivesse idealizado, e por isso, bate o arrependimento. Arrependimento esse que ele não faz questão de esconder, tanto que ele afirma que se soubesse nunca teria ido, se ele soubesse o quanto seria difícil viver longe de sua casa, de seu conforto, e de sua família ele nunca teria deixado isso tudo para trás, para ele deve ter sido uma grande decepção. Chegou lá no estrangeiro e viu que não era essa maravilha toda que ele esperava. Ele volta a afirmar: Ah se eu soubesse nunca teria deixado minha casa! Ah se eu soubesse não teria vindo teria ficado lá na minha casa na minha terra! viveria lá.

Depois desse momento, ele nos relata a saudade que tem, mas de lugares e coisas específicas, que só encontraria em Cabo Verde. É a necessidade de afirmar que ama seu país. Isso é mais comum do que se imagina, em todos os países achamos canções que exaltam suas belezas, e suas raízes, e lugares que só tem no seu país, mas só são percebidos quando esse “eu” não está mais lá.

Assim, Beto Dias, o autor da nossa canção “Ah se eu soubesse!”, nos dá conta de um lugar bonito, perfeito, maravilhoso de se viver. Beto Dias, nos diz que ele quer muito ver o Vulcão da ilha do Fogo, Monte Cara, na ilha de São Vicente, Pico d’Antónia, na ilha de Santiago, ou seja, coisas que ele só encontraria em Cabo Verde e em mais nenhum lugar, e a expressão que nos mostra sua insatisfação e sua infelicidade está no título da canção.

Beto Dias é muito patriótico, a ponto de ser muito exagerado nas suas exclamações. Vejamos: muitos países têm vulcões mas, Dias só quer ver o da ilha do Fogo, em Cabo Verde,

assim como, pode visitar vários lugares que tenham montes, vulcões, outras cidades e lugares, mas ele só vai se sentir bem e feliz se esses montes, vulcões e cidades forem em cabo verde.

É o reconhecimento de um imensurável amor quando não temos mais a chance de amar. Isto é, Beto Dias só se deu conta do tamanho do seu amor pelo seu país quando já não estava lá para ver todos esses lugares e coisas que agora se tornaram imprescindíveis para a sua felicidade.

Press d'um fidji- Paulino Vieira²⁹

Alô alô, Kabu Verdi, alô
Tera pobri, mas xeiú de vivensas
Uvi ess press di es fidji di bo
Ki ta bem lonji mas ka ta skeseu

Dias ta bai, dias ta bem

Temp ta passa li

Mi lonji nha tirinha

Ma mi ntem fe

Ah, se ntem fe

Ba vivê la nem ke nhas ultims dia

J'am kre oiá nem ke so mas um vez

Passaja d'one

Karnaval i San Jon

J'am kre vivê junt ma nha pov

Brasa, *kolá*³⁰, batê pe na txom

Prece de um filho

Alô alô, Cabo Verde, alô
Terra pobre, mas cheia de riquezas
Ouça essa prece desse teu filho
Que vive longe mas nunca te esquece

Dias vão, dias vêm

O tempo por aqui passa

E eu longe de minha terrinha

Mas tenho fé

Ah, como tenho fé

De ir lá viver, nem que seja nos meu
últimos dias

Já quero ver nem que pela última vez

A passagem de ano

Carnaval e São João

Já quero viver junto ao meu povo

Abraçar, *Kolá*, bater os pés no chão

²⁹Compositor, orquestrador, multi-instrumentista e cantor, considerado um dos maiores símbolos da música de Cabo Verde. Compôs, entre tantos outros temas que marcaram a música daquele país, “*M'cria Ser Poeta*” (seu desejo de criança) ou “*Um Minute D'Silence*” (música dedicada ao pai).

La Tudu kosa e mas sabi

Lá tudo é mais gostoso

Tudu kosa e mas doss

Tudo é mais doce

La é um sabura

Lá é uma maravilha

Não muito distante da canção anterior, temos essa, que também é muito romântica em relação a cab verde e seus encantos. Ora, ela nos fala de um amor incondicional a um lugar e alguns manifestos, ligados de forma íntima e esse lugar e a ela mesma, pois, fala com propriedade sobre esses acontecimentos e manifestações.

Temos, nessa canção, a voz de um filho que clama à sua mãe sua volta à casa. A “Prece de um filho”, nos fala sobre esse amor que muitos mostram ter só quando estão fora do seu país. O eu lírico demonstra muito sentimento, outras vezes chega a ser melancólico o seu clamor, ao falar sobre sua terrinha, que ele deixou para trás e ao mesmo tempo ele nos passa a informação de que ele vive muito longe dali e por muito tempo, pois ele expressa sua vontade de regressar e de morrer lá onde ele nasceu. Ou seja, por mais que a vida o tenha empurrado para viver longe de seu país ele quer e necessita voltar, seria como se ele clamasse que em cabo verde fosse seu último jazigo, independente de qualquer coisa.

Este sentimento de clamor à pátria amada só reforça a ideia da contradição na hora de partir, mais uma vez a ideia do *tem ki bai ku ganas de fika*. Essa questão do querer ficar e ter que partir é muito presente na realidade do cabo verdiano, visto que quase todos saíram de Cabo Verde por fortes motivos e, pouquíssimos são os casos dos que saíram por livre e espontânea vontade, para não falar nenhum.

Por essas e outras razões, quase todos os cabo verdianos tem o imenso desejo de voltar à sua terra, mesmo que este tenha passado muitos anos fora. Não sei explicar, ou sequer entender esse fato. Acho que na verdade quase ninguém vai saber explicar esse imensurável amor a cabo verde que todo caboverdiano carrega consigo para onde quer que vá.

Essa canção em especial, nos põe a par dos sentimentos e desejos do eu lírico visto que ele fala em primeira pessoa de seus desejos e aspirações em relação a seu futuro. Ele quer

³⁰ Ritmo dançando nas festas de romaria de São João. É a umbigada, dança em que os pares colam os umbigos, que no crioulo de Cabo Verde ficou conhecido como kolá.

voltar a Cabo Verde para ter experiências que ele só teria lá. Dessa vez, ao contrário da canção anterior, tem coisas que ele não conseguiria vivenciar em parte alguma no mundo que não fosse em Cabo Verde, mas por outro lado temos a dor da distância que faz tudo parecer perfeito aos olhos de quem está fora.

Paulino Vieira, autor e intérprete desta canção, além de nos contextualizar sobre o panorama cultural de seu lugar de fala, como nos aproxima de seus sentimentos e desejos pessoais, sem falar de seu amor por aquilo tudo de que ele sente falta e quer ver, nem que seja a última vez. Ora bem, Paulino pede a Cabo Verde que ouça suas preces, e que por mais que esteja longe ele nunca o esqueceria, dando-nos a entender que ele está longe há muito tempo.

Tendo em conta o lugar de onde Paulino Vieira saiu, é perfeitamente compreensível essa distância e demora em voltar. A ilha de São Nicolau.

É uma das ilhas do barlavento, e que no século passado foi uma das que mais sofreu com a estiagem. Que além de castigar com a seca, obrigava o povo a sair para outras ilha em busca de alimento e sobrevivência. E quando não encontravam a tão almejada felicidade em outras ilhas, a solução era emigrarem para qualquer país que lhes abrissem as portas. Então, tendo em conta esses aspectos, paulino deve ter sido apenas mais um que saiu para não fazer parte das tristes estatísticas dos que morreram de fome ou durante a travessia a outras ilhas.

Fora isso, Paulino mostra que apesar do tempo e da distância recorda-se perfeitamente do lugar e da vivência do lugar de onde veio. Ele lembra das manifestações culturais desse povo, e dessa riqueza cultural que ele só teria em Cabo Verde.

Paulino traça os aspectos a partir da primeira pessoa, ou seja, ele mostra propriedade no que ele fala e que ele mostra sentir falta, mas principalmente, das festas. Ele nos mostra que levava uma vida boêmia através das descrições das festas, e que segundo sua fala, era do que ele mais sentia falta. Podemos constatar isso nos versos em que ele começa a falar por que queria voltar, e explica a súplica dele a Cabo Verde baseando nessas ideias.

A partir da quarta estrofe, do segundo ao quinto verso, temos os motivos maiores de sua vontade de voltar a Cabo Verde, mais precisamente a São Nicolau, sua ilha natal, e onde essas manifestações, particularmente a de *Kolá*, são mais fortes. E, como falei acima, que ele se mostrava ser uma pessoa boêmia, é precisamente por expressar sua imensa vontade de voltar a participar das festas populares. Vejamos: “Passaja d’one”/ “passagem de ano”;

“Karnaval i san jon”/ “carnaval e São João”; j’am kre vivê junt ma nha pov”/ Já quero viver junto a meu povo”; “Dançá kolá, batê pé na txom”/ Dançar kolá, bater os pés no chão”.

Por mais que a saudade dele seja explícita, não há como negar que Paulino sentia muita falta das festas populares, festas essas que ele fez questão de suplicar a forças abstratas que permitissem que ele experimentasse de novo, nem que fosse a última vez, seria um tudo ou nada em nome de viver de novo suas maiores paixões. E essas paixões ele só podia ter voltando à sua terrinha, como ele carinhosamente se refere a Cabo Verde.

Paulino nessa música me fez lembrar de um outro poema, em que o autor, também mostrava suas paixões, mas essas paixões, ao contrário das de Paulino, podiam ser saciadas em outros lugares. Estou me referindo à “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias³¹.

“Canção do exílio”

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,

Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,

Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,

³¹ Antônio Gonçalves Dias nasceu em 10 de agosto de 1823 na cidade de Caxias, Maranhão. Gonçalves Dias foi um dos maiores poetas da primeira geração romântica do Brasil. Foi patrono da cadeira 15 na Academia Brasileira de Letras (ABL). Lembrado como poeta indianista, ele escreveu sobre temas relacionados à figura do índio. Além de poeta, ele foi jornalista, advogado e etnólogo.

Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar — sozinho, à noite —
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Neste poema temos expressa a vontade de Dias em voltar ao Brasil, pois queria desfrutar das coisas que ele só conseguiria estando no Brasil. Nesses casos temos muito a desvalorização do “cá”, em relação ao “lá”, isto é. O “lá”, normalmente, a pátria natal de quem fala, é o lugar perfeito em todos os aspectos que ele desejaria estar, enquanto que o “cá”, é onde ele se encontra e não tem nada do que ele gosta, ou deseja.

Adélia Bezerra de Menezes nos explica melhor essa visão:

Todo o poema é marcado pela oposição entre um *cá* (em suas variantes aqui, por cá) menosprezado e um *lá* altamente valorizado.

Instaura-se um esquema comparativo:

minha terra tem...(que a outra não tem - a saber: palmeiras e sabiá) minha terra tem mais... (do que a outra).

Os 18 primeiros versos (vale dizer, 4 das 5 estrofes) nada mais fazem, no geral, do que repetir esta afirmação (numa de suas duas versões), ou desenvolvê-la. “Palmeiras” e “sabiá”, atributos exclusivos da terra do poeta e, portanto, os únicos a dispensarem o “mais” que acompanha os restantes atributos, são erigidos em símbolos da pátria - e retornam, obsessivamente; nas demais estrofes assistimos a um desdobramento dos elementos que constituem “minha terra”: “nosso céu”,

“nossas várzeas”, “nossos bosques”, “nossa vida”- que têm respetivamente, “mais estrelas”, “mais flores”, “mais vida”, “mais amores”. E todos esses atributos são sintetizados em “primores”, no verso 13 (MENEZES, 2001, p. 108).

Em suma, tudo que é nosso é melhor. E, por mais que estejamos longe, nada apaga esse amor, esse fogo de querer voltar ao nosso lar, nossa casa, nossa pátria amada.

Para mim, não existem muitas diferenças entre os sentimentos de Gonçalves Dias presentes na “Canção de exílio” e na “Press d’un fidj”, de Paulino Vieira. A primeira fala do exílio, na sua forma genuína, ou seja, Dias foi obrigado por terceiros, a abandonar seu país, e talvez, por esse motivo ele teça esse imenso amor, visto que o país não lhe foi hostil em momento nenhum, talvez, se ele não tivesse sido forçado, por outros, repito, abandonar sua terra, ele nunca o teria feito. Já Paulino, também foi exilado, mas este, por sua vez, não foi imposto por terceiros, mas pela própria hostilidade da natureza. O “exílio” caboverdiano, é imposto pela própria terra que tanto amam, mas que na maioria das vezes se revela inimiga do seu povo, por conta das longas secas e da escassez de recursos, empurrando assim seus filhos a terras longes.

Chegamos à última canção, do grupo selecionado para o entendermos um pouco a vida do caboverdiano, apresentado por meio de canções que cantaram, e ainda cantam, a *sina* dos cabo verdianos.

Deixei essa canção por último, não por acaso, mas porque ela nos traz uma ideia diferente das demais vistas nos capítulos anteriores. Antes tínhamos a ideia de tem *ki bai ku ganas de fika*, e nesta temos o *Ora de bai dja kaba*. Ou seja, esta canção traça uma ideia em caminho oposto às demais. Ela não mostra-nos o desespero de ter que ir com vontade de ficar, que a propósito falaremos mais ao decorrer dos parágrafos.

O nome da canção é “Hora de voltar”. Bastante sugestivo, já que até agora só falamos de ideias opostas a isso, mesmo nessas canções de cunho nacionalista, temos a ideia de partir, e só a partir disso traçar a vontade de voltar, ou o arrependimento de ter partido, ou o amor à sua pátria.

Mas, a partir dessa canção, que diga-se de passagem, bastante emotiva e sugestiva, vamos traçar um novo perfil da emigração: o alívio de ter que voltar a casa e nunca mais ter que partir.

Não à toa deixei essa canção para ser a última a ser analisada. Começando por falar o que seria esse tem *ki bai ku ganas de fika* e só depois falar do *ora de bem*, de Carlos Alberto Martins³².

“Ora di bem”- C. A. Martins (Katchas)

N sai di nha kutelu

N poi pé na txom di praia

N toma avion n bá strangeru

Mi e mas um na buska bida

kantu n txiga la

Rostu stranhu poi na djobem

kusas stranhu ta kontesen

N xinti sodadi nha mocinhus

Ora de bai dja kaba

Ora di bai e duedu

Ora de bem dja txiga

Ora de abraza nha tera

N lembra Djonzinhu na si partis

N lembra kes notis sabi'l na luar

N lembra nos vida na nos rubera

N xinti sodadi di mocinhus

“Hora de Voltar”

Saí do meu monte

Botei meus pés na cidade da Praia

Peguei um avião e me pus ao estrangeiro

Só sou mais um buscando a vida

Quando lá cheguei

Rostos estranhos me olhavam

Coisas estranhas me aconteciam

Senti saudades de minha gente

Hora de partir acabou

Hora de partir é dolorosa

Hora de voltar chegou

Hora de abraçar minha terra

Lembrei de Joãozinho nas suas piadas

Lembrei das noites agradáveis que
passamos ao luar

Lembrei de nossas vidas na nossa ribeira

Senti saudades de minha gente

³² Guitarrista, compositor e líder do Bulimundo desde a sua fundação até 1986, Katchás será sempre lembrado como o mentor da revolução musical desencadeada por este grupo, ao transformar o funaná - até então uma expressão musical camponesa de Santiago sem qualquer impacto fora do meio rural - num género musical assumido nacionalmente, gerador de uma extensa discografia e dos mais expressivos da cultura cabo-verdiana.

Ora di bai dja kaba	Hora de partir acabou
Ora di bai e duedu	Hora de partir é dolorosa
Ora di bem dja txiga	Hora de voltar chegou
Ora di abraza nha tera	Hora de abraçar minha terra

Considerações finais

Em muitos momentos de nossas análises, pelas variadas canções apresentadas, tivemos presente a ideia do tem ki bai ku ganas de fika, mas nunca falado de forma explícita o que era. Pois bem, o tem ki bai ku ganas de fika, seria a sina da emigração do caboverdiano. Foi uma forma carinhosa de dizer que o dever chama mais alto do que o amor, ou seja, mesmo querendo ficar, a obrigação de partir para uma terra longe e desconhecida falava mais alto, visto que permanecer seria botar em risco suas integridade física e a própria vida.

Manuel Ferreira no seu livro *Hora de bai* explora muito esse lado do caboverdiano, dando especial atenção à população de São Nicolau, que no momento passava por maiores dificuldades, mas ainda assim custava-lhes abandonar sua ilha em busca de felicidade, ou até de uma coisa mais simples de se achar, como um pouco de comida. Por mais que a estadia nesta ilha comprometia a vida de muitas famílias ainda assim era difícil deixarem tudo para trás mesmo que fosse em busca de coisas melhores, mas nem sempre isso acontecia. Ferreira na sua obra bota-nos cara a cara com a realidade que cabo verde enfrentava na época, e apesar dele ter falado com mais propriedade da ilha de São Nicolau, não era uma realidade distante do resto do arquipélago.

Assim como em São Nicolau, as demais ilhas sofreram com a estiagem e todas as suas consequências, e o partir de fato se tornou obrigação. Era doloroso, era. Mas era necessário. Era a garantia de não morrer de fome, de seca e a única chance que talvez tivesse na vida toda de dar um pouco de dignidade à sua família, e sair do trabalho do campo, assim sendo esse partir se tornava doloroso já que era uma coisa imposta pelo próprio destino, força da qual não se pode escapar, é sabido. Então, por não ser da vontade da pessoas, na maioria dos casos, era uma coisa muito dolorosa, e como falei nos capítulos anteriores isso culminou na separação de inúmeras famílias, que nunca mais se reuniram em vida. Não é uma ideia bem vista pelos

caboverdianos. O partir nunca é bem visto. Isso ficou arraigado nesse povo sofrido, devastado pelo fardo da emigração.

Já o *Ora de bem*, mostra o oposto: o voltar a casa. É uma canção, não tão distante das outras, que nos mostra o lado triste da emigração, mas tem essa particularidade: ela mostra essencialmente o prazer de voltar a sua terra, a sua casa, como Martins bem falou, *Hora de abrasa nha tera*.

As ideias são divididas, basicamente em dois momentos. O momento logo após a partida, e o momento em que o eu lírico decide voltar. O primeiro momento, é o do estranhamento, ao lugar novo onde chegou, às pessoas novas com quem o “eu” lírico tem que conviver, sendo todos estranhos a ele, tudo novo a ele, a saudade do que lhe ficou para trás, suas vivências do dia a dia, como ele bem fala, lembrando de cada de talhe e de cada coisa em particular, parecendo que esses acontecimentos eram rotineiros, e depois de estar longe de casa sentiu a dor da separação, e lembra de forma melancólica seu dia a dia.

O segundo momento, o mais importante para nossa análise, ele nos mostra o alívio de ter que voltar. Não é falado de forma explícita o por quê de ele voltar a casa, se foi por iniciativa própria, por não se adaptar à vida no estrangeiro, ou se foi ocasionado por algum motivo de força maior. Mas o facto é que ele mostra um grande alívio e satisfação nesse momento. Começamos a perceber, nessa canção em específico, que o caboverdiano é muito ligado às suas raízes, seu lar, sua terra, seu país, fazendo com que ele tenha que partir para uma terra longe mas já pensando em voltar. Um dos grandes objetivos desde a partida de qualquer cabo verdiano é a sua volta à terra. É a *cabo verdianidade* falando mais alto dentro de si.

Assim como nessa canção, todas as outras que estão presentes nesse trabalho falam de um afeto coletivo, uma memória coletiva que nos fazem pensar em como esse indivíduo se posiciona em relação a ele mesmo, e como esse posicionamento influencia o meio a seu redor. O que estou tentando dizer, é que o cabo verdiano sempre tenta levar para o seu cotidiano hábitos e práticas do cabo verdiano, estando ele em Cabo Verde ou não. No caso da nossa canção, vemos que ele expressa seus sentimentos de tristeza por, precisamente, estar sentindo falta de seus hábitos cotidianos, como as piadas de Joãozinho, as noites agradáveis ao luar, e lembra com melancolia a sua vida na sua ribeira. Por todos esses motivos afirmo que se trata de um sujeito que saiu do meio rural para o estrangeiro, fator que dificulta ainda mais a sua estadia no estrangeiro, visto que os estilos de vida nos dois ambientes são muito distintos, são

dois universos completamente diferentes. Sair de uma vida pacata do interior, onde é comum pessoas ficarem sentadas na calçada de casa até tarde, aproveitando a luz da lua, deve ter sido muito difícil se adaptar ao ritmo acelerado de uma cidade grande, de um país grande, longe de tudo o que lhe conforta.

Essa visão do cabo verdiano em relação à sua pátria é mais comum do que podemos imaginar, antes dessas canções, vários outros poetas e escritores tocaram nesse assunto, de forma curiosa até, visto que traçam um amor incondicional, mas ao mesmo tempo fragilizado por vários motivos. Germano Almeida foi um deles.

Na sua obra *O meu poeta*, de 1989, ele fala bem desse sentimento do poeta em relação a Cabo Verde, sentimento esse que ele afirma que qualquer poeta tem que saber expressar na sua obra. Assim:

pacientemente ele explicava que um poeta não é só ele, um poeta exprime sobretudo os sentimentos alheios porque poeta de fato é só aquele capaz de ter uma relação de tal modo forte com o seu povo que o que ele exprime não seja senão a expressão do seu povo [...] *O Meu Poeta* lançou-se num longo discurso sobre os aspectos políticos da poesia, da arma mortífera que a poesia tinha representado durante a gloriosa luta da nossa libertação nacional e do papel que ainda lhe estava reservado na congregação de todos os nossos irmãos em torno da Mãe-Pátria (ALMEIDA, 1992, p. 45).

Para Almeida, a cabo verdianidade, assim como a identidade de qualquer outro povo está intrinsecamente ligado à sua relação com seu respectivo país. No caso de Cabo Verde, está associado diretamente às lutas pela libertação, e a partir disso começou-se a ter necessidade de uma raiz cabo verdiana, que expressasse os desejos dos cabo verdianos, que exprimisse sua cultura através de seus hábitos e práticas cotidianas, esquecendo um pouco as heranças dos colonizadores. Nesse âmbito ele propõe que através do poeta esses desejos sejam levados até à população, que através da literatura era possível traçar essas características inalienáveis aos ser: seus hábitos e sua cultura. E a literatura, de fato, se fez importante para que houvesse essa ruptura entre Portugal, e a partir daí se começasse a pensar em cultura cabo verdiana, língua cabo verdiana, hábitos cabo verdianos, música cabo verdiana.

Essa canção, então, nos fala muito disso, dessa necessidade que o cabo verdiano encontra de vivenciar coisas que são corriqueiras em Cabo Verde, e que não estando lá ele tem a necessidade de dar sequência a esses hábitos, sem falar que seria uma forma de

qualquer um se sentir mais perto da sua terra e da sua família manter os hábitos que tinham em Cabo Verde.

Constatamos essa forte ligação do poeta com Cabo Verde, quando ele fala que é hora de abraçar a sua terra. Ele poderia escrever que ia abraçar a mãe, o pai, os amigos, o companheiro, ou qualquer outra pessoa, mas vemos que de fato ele sente mais falta de Cabo Verde em si, e de todas as outras coisas que só em Cabo Verde desfrutaria, como ficar sentado na calçada em noites de lua cheia, que é muito comum, principalmente no interior. É o sentimento de pertencimento à terra.

Referências

- ALMEIDA, Germano. O meu poeta, Lisboa: Editorial Caminho, 2012.
- BAUDELAIRE, Charles. A obra e a vida de Eugéne Delacroix In Escritos sobre Arte, Edusp, São Paulo, 2001.
- BOSI, Viviana. A imagem na poesia: Jorge de Lima- Leitura do soneto X, canto X de invenção de Orfeu. MENESES, Adélia de Bezerra. As canções de exílio In BOSI, Viviana; CAMPOS, Cláudia Arruda; HOSSNE, Andrea Saad; RABELLO, Ivone Daré (Org.). Poema: leitores e leituras. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BUGALHO. Sérgio, O poema como letra de canção: Da música da poesia à música dos ouvidos In MATOS, Cláudia Neves; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Org.), Ao encontro da palavra cantada: Poesia, música e voz. Rio de Janeiro: Sete letras, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. O estudo analítico do poema. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, 5ª edição.
- CARA, Salete de Almeida. A poesia Lírica. São Paulo: Editora Ática, 2ª edição, 1986.
- CARREIRA, A. Migrações nas ilhas de Cabo Verde, Lisboa: Instituto cabo verdiano do livro, 1977.
- FEIO, Joana Areosa. De étnicos a “étnicos”: Uma abordagem aos “Angolares” de São Tomé e Príncipe- Dissertação de Mestrado em Antropologia, colonialismo e pós-colonialismo.
- FERREIRA, Manuel, Hora di bai, São Paulo: Ática Editora, 1980.
- FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.
- GOLDSTEIN, Norma. Versos, sons, ritmos. São Paulo: Editora Ática, 8ª edição, 1994.
- GONÇALVES, Carlos Filipe. Kab Verd Band, Lisboa: Editorial Caminho, Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 2006.
- NASCIMENTO, A. Poderes e quotidiano nas roças de São Tomé e Príncipe. Lousã: Tipografia Lousanense, 2002.

NETO, João Cabral de Melo. Obra completa: Volume único, Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 2003.

SALÚSTIO, Dina; TEIXEIRA, Sandra; MORAIS, Joaquim (Org.). Cabo Verde, 30 anos de edições- de 1975-2005, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2005.

SOARES, Angélica. Gêneros literários. São Paulo: Editora Ática, 6ª edição, 2006.

SOBRINHO, Genivaldo Rodrigues. Eugênio Tavares: Retratos de Cabo Verde em prosa e poesia, São Paulo, 2010.

WWW.ine.cv